



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JANAINA CORREIA LUCAS

**SOCIABILIDADES VIOLENTAS E FÉ: DO TRÁFICO DE DROGAS AO MUNDO
RELIGIOSO**

JOÃO PESSOA

2021

JANAINA CORREIA LUCAS

SOCIABILIDADES VIOLENTAS E FÉ: DO TRÁFICO DE DROGAS AO MUNDO
RELIGIOSO

Texto para defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para Obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Culturas e Sociabilidades

Orientadora: Dr^a. Marcela Zamboni Lucena

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L933s Lucas, Janaina Correia.

Sociabilidades violentas e fé : do tráfico de drogas
ao mundo religioso / Janaina Correia Lucas. - João
Pessoa, 2021.

91 f. : il.

Orientação: Marcela Zamboni.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Tráfico de drogas - Jovem - Religiosidade. 2.
Drogas - Mãe - Luto. 3. Drogas - Juventude - Morte. I.
Zamboni, Marcela. II. Título.

UFPB/BC

CDU 343.575-053.6:2(043)

JANAÍNA CORREIA LUCAS

**SOCIABILIDADES VIOLENTAS E FÉ: DO TRÁFICO DE DROGAS AO MUNDO
RELIGIOSO**

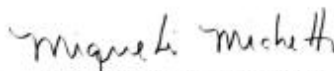
Texto para defesa de dissertação apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia
do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito para Obtenção do Título de
Mestre em Sociologia.

Aprovado em: 30 /11/ 2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marcela Zamboni Lucena
Presidenta – PPGS/UFPB



Profa. Dra. Miqueli Michetti
Avaliadora Interna – PPGS/UFPB



Prof. Dr. Luiz Eduardo Lopes Silva
Avaliador Externo – CH/UFMA

À minha avó Maria, exemplo de coragem, determinação e força.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que, me apoia e me faz seguir nessa vida de tropeços e desafios. Não é fácil concluir um Mestrado em uma universidade pública. Os desafios passam por um fator denominado ‘tempo’. Nesse sentido a renúncia em certos momentos familiares se faz necessário. Ao meu esposo e meu filho meu agradecimento.

A minha mãe e minha irmã Josélia por suas palavras de incentivo. Vocês são mulheres que fazem de suas vidas um ato de resistência.

A Banca examinadora. Professora Marcela, minha orientadora desde a graduação e com quem aprendi a gostar da Sociologia e compreender o quão relevante é para a produção do conhecimento e compreensão dos fenômenos sociais. Através da professora Marcela fui provocada várias vezes em suas aulas, entrando em conflito comigo mesma sendo desconstruída a cada discussão em sala, até chegar ao que sou hoje; uma curiosa e incomodada com as coisas dadas. Agradeço imensamente por suas aulas, humildade e paciência em me orientar. À professora Miqueli, por quem tenho imensa admiração pela docente dedicada, pois é nítida sua satisfação no que faz. Agradeço por suas exigências nas avaliações e por compartilhar seu vasto conhecimento conosco. Ao professor Luiz Eduardo, foi uma alegria e um privilégio te conhecer. Seus trabalhos voltados aos estudos sobre redes criminais, facções e juventudes, me deram um novo olhar sobre a pesquisa.

Aos professores que passaram durante o mestrado. A CNPQ pelo fomento, pois, em tempos difíceis que estamos vivenciando estudar torna-se cada vez mais um privilégio para poucos. Ao PPGS, em especial ao servidor Fred, por sua paciência e orientação na parte burocrática do curso.

A todos os servidores da UFPB por tornar possível nossa estadia acadêmica. Aos meus colegas de curso, que durante a caminhada fortaleceram a rede de proteção, ajudando com informações e textos que contribuíram para a pesquisa. Em especial ao meu querido amigo irmão Weverson, companheiro nas madrugadas me auxiliando sempre que eu chamava por socorro. Obrigada por sua disposição em me ajudar, me ouvir e sempre ter palavras de ânimo. As companheiras do GRAV, em especial, Helma e Mari por me orientarem com dicas valiosas e correções na escrita. A Carlota por sua cumplicidade em trabalhos, e conversas sobre nossos gatos.

Ao meu Deus por ter vencido a Covid por duas vezes. Agradeço à Ciência em seus diversos campos, por tornar possível essa pesquisa.

Por fim, agradeço a comunidade por possibilitar o acesso ao campo. Aos meninos do Bonde B, vocês são o motivo principal dessa dissertação. Agradeço a cada um que compartilhou sua visão de mundo comigo. Aos vivos e aos mortos que vivenciam e, vivenciaram a *vida louca!*

*Eu sei é difícil viver nessa sociedade
Vítima do capitalismo, vendendo a sinceridade
(Cadê o aperto de mão, o amigo verdadeiro?)
Mas hoje em dia conselho tio, só vem por dinheiro!
O altruísmo tá aí oculto a bíblia nunca mentiu
O amor perdeu valor na frieza do fuzil
Política, futebol, filosofia, história, enquanto
Cês tão discutindo tem gente morrendo agora*

*Óh meu senhor, por favor, tenha piedade
E envie os anjos sobre nós para espalhar a bondade
Sobre a cidade, e qualquer canto do Brasil
Em cada olhar carente do bondoso e até o mais frio
Saúde e fé, muito amor no coração, um brinde
Aos guerreiros que estão com o Facção
No dia a dia enfrentando a correria
Em busca d'um trabalho com muita sabedoria
Só quem é corre atrás, em busca de um qualquer
Ladrão, nunca é de mais, nunca é de mais*

*Só eu sei o que trago na alma
Em meio a escuridão da vida colecionando lágrimas
Só eu sei o que trago na alma
Em meio a escuridão da vida colecionando lágrimas*

*Não ponha a culpa em Deus, coloque a culpa nos homens
No seu próprio conflito você foge, se esconde
Não entra na arena e não confronta seus medos
Desiste de si mesmo, consumido pelos erros*

*A falha humana não vai ser justificativa
Pra você argumentar no grande tribunal da vida
A gente quer a paz, almeja viver ela
Só que o tempo não para, o tempo não espera!*

*Isso é fato não é boato, o universo tá em crise
Frente a frente, lado a lado com os nossos limites
Coração petrificado é um forte aliado
Pra te arrastar pra cova dentro de um caixão lacrado*

*Muita calma irmão, ainda há solução
Pela permissão divina ainda há ar no seu pulmão
Aceite a verdade em sua vida
Só Deus pode sarar e curar suas feridas
(Colecionador de Lágrimas- Facção Central)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação de um grupo de jovens denominado aqui por Bonde B, ligado a uma facção criminosa no estado da Paraíba com a religiosidade. Bem como as novas configurações que surgem a partir dessa relação. Dessa forma, procura-se observar o influxo do grupo dentro da comunidade, na qual ele atua no tráfico de drogas. Pretendo, a partir da experiência etnográfica, construir uma narrativa que, respeitando certos limites, procura compreender como os processos que constroem a ética dos jovens traficantes, são perpassados por valores religiosos, tornando-se marcadores que influenciam nas interações sociais. À luz dos autores que se debruçam na pesquisa sobre Sociologia do Crime e Sociologia da Religião, procuro observar as trajetórias de vida dos atores em questão, expondo em um primeiro momento a dinâmica do grupo e o fortalecimento de laços com o mundo religioso através da aproximação com uma igreja evangélica. Nesse entrelaçamento entre crime e religiosidade, surgem novas formas de si, e construção de laços afetivos. Na segunda parte trarei as narrativas de três mulheres, e a forma pela qual estas se percebem enquanto mães de jovens inseridos no tráfico, bem como é construída a relação entre mãe e filho nesse contexto violento. Através da religiosidade, elas serão movidas a partir de uma ética cristã que implica participação assídua nas reuniões. No terceiro momento o ritual do luto vivenciado por filhos e mães nos velórios é carregado de significados, deste modo, o espaço do pranteamento possibilita compreender como é percebida a morte podendo esta, tornar-se um dispositivo para que ações e sentidos norteiem os sujeitos nesse momento de luto.

Palavras-Chave: Juventude; Luto; Mãe; Morte; Religiosidade; Sociabilidade; Tráfico de drogas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the relationship of a group of young people named here by Tram B, linked to a criminal faction in the state of Paraíba with religiosity. As well as the new settings that arise from that relationship. Thus, it seeks to observe the influx of the group within the community, in which it operates in drug trafficking. I intend, from the ethnographic experience, to build a narrative that, respecting certain limits, seeks to understand how the processes that build the ethics of young traffickers are permeated by religious values, become markers that influence social interactions. In the light of the authors who focus on the research on Sociology of Crime and Sociology of Religion, I try to observe the life trajectories of the actors in question, exposing at first the dynamics of the group and the strengthening of ties with the religious world through the approximation with an evangelical church. In this intertwining between crime and religiosity, new forms of itself arise, and the construction of affective bonds. In the second part I will bring the narratives of three women, and the way in which they perceive themselves as mothers of young people inserted in trafficking, as well as the relationship between mother and child in this violent context. Through religiosity, they will be moved from a Christian ethic that implies assiduous participation in meetings. In the third moment, the ritual of mourning experienced by children and mothers at wakes is loaded with meanings, thus, the space of the mourner makes it possible to understand how death is perceived, and it can become a device for actions and senses to guide the subjects at this moment of mourning.

Keywords: Youth; Mourning; Mother, Death; Religiosity; Sociability; Drug trafficking.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Bolo de aniversário feito para o líder do grupo	31
Imagem 2 – Pessoas se aglomeram para ver o corpo de um jovem que foi assassinado em frente à sua casa	34
Imagem 3 – Jovem assassinado na comunidade, observa-se o detalhe da tatuagem em sua mão direita; a risada do palhaço	50
Imagem 4 – Demarcação da territorialidade.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Assembleia de Deus
EUA	Estados Unidos da América
IML	Instituto Médico Legal
ONG	Organização Não-Governamental
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UOL	Universe Online

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	21
1.1.1 O campo em movimento: mudanças em tempos de pandemia.....	25
CAPÍTULO II – TERRITÓRIO, VIZINHANÇA E FAMÍLIA: IMPORTANTES MECANISMOS PARA A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS ENTRE A IGREJA E OS JOVENS TRAFICANTES.....	28
1.1 TERRITORIALIDADES: A ROTINA DIÁRIA DOS JOVENS TRAFICANTES NA COMUNIDADE.....	34
1.2 APROXIMAÇÕES DOS TRAFICANTES COM A IGREJA LOCAL	40
1.2.1 A igreja como espaço de sociabilidade.....	43
1.2.2 A percepção dos fiéis em relação à presença dos jovens traficantes nos cultos religiosos	44
1.3 DANIEL O TRAFICANTE QUE SE TORNOU PRESBITERO	46
CAPÍTULO II – “AMOR SÓ DE MÃE”: A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO NO UNIVERSO DO TRÁFICO.....	51
2.1 “AQUELAS É A MÃE!” O ESTIGMA DE SER A MÃE DE UM TRAFICANTE.....	54
2.2 LIDERANÇA FEMININA: A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS ATRAVÉS DE FUNÇÕES DISTINTAS	61
CAPÍTULO III – “VAI NA PAZ PARCEIRO, UM DIA A GENTE VAI SE ENCONTRAR”: RITOS E SIGNIFICADOS DO LUTO ENTRE OS JOVENS TRAFICANTES	65
3.1 A DOR COMPARTILHADA COLETIVAMENTE	67
3.1.1 A percepção dos jovens em relação à perda dos parceiros através da morte violenta	70
3.1.2 Ritos de passagem realizados pelo Bonde B.....	74
3.2 O SIMBOLISMO DO PRANTEAMENTO EM ESPAÇOS DISTINTOS.	78
3.2.1 Diferenças no ritual da despedida em casa e na igreja	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REREFÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva discutir como a relação entre crime e religiosidade norteia a dinâmica social de jovens que fazem parte de uma facção criminosa. A partir de narrativas entrelaçadas entre violência e religião, procuro compreender como estas operam na subjetividade desses atores e estabelecem novas formas de relações e modificações de si próprio através de processos de transformação ocorridos durante vários acontecimentos na comunidade.

A primeira vez que estive frente a frente com os jovens traficantes¹ foi impactante, uma vez que, eu estava diante de pessoas que de acordo com a minha subjetividade, deveria manter distância, pois já havia uma imagem de criminosos construída a respeito deles dentro da comunidade. Estávamos em um lugar estratégico para uma conversa que eu não sabia como começar. Era o ano de 2018 e, eu realizava a pesquisa de campo para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Apesar de cursar Licenciatura em Ciências Sociais, disciplinas como Antropologia e Etnografia nos orientam a analisar o campo, suas particularidades, como também a fala dos interlocutores e, embora tenha sido bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e não do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Durante o estágio também levamos essa aprendizagem às escolas e compreendemos que, por trás de cada vida sentada naquelas cadeiras enfileiradas na sala de aula, existem histórias que, com certeza influenciam na aprendizagem.

Foi com esta experiência de estágio que me aventurei a fazer um TCC² que para algumas pessoas poderia ir à contramão do curso de licenciatura: busquei analisar a sociabilidade de um grupo de jovens inserido no tráfico em um espaço religioso, ou seja, em uma igreja evangélica, um tema que me distanciava de pesquisas na área de Sociologia da Educação. Motivo, aliás, de questionamentos por parte de professores e professoras do curso que me orientavam a desistir dessa ideia e pesquisar sobre educação. Até mesmo algumas colegas do curso teceram inúmeras críticas em relação a minha decisão, pois, seria incompreensível que eu, aluna de licenciatura saísse da minha posição de “futura educadora” para escrever sobre algo além dos muros da

¹Utilizo aqui o termo “jovens traficantes” por ser este o mesmo utilizado pelos próprios pesquisados, eles se auto intitulam jovens e traficantes, como se buscassem certa diferenciação dos traficantes da “velha guarda” da comunidade, no *modus operandi* de controle.

² Intitulada “Fé e criminalidade: a igreja como espaço de sociabilidade de jovens do tráfico”, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), defendida em 2018 para obtenção do grau de licenciada em ciências sociais sob a orientação da professora Marcela Zamboni Lucena.

escola. Essa “teimosia” resultou na pesquisa intitulada “Fé e criminalidade: a igreja como espaço de sociabilidade de jovens do tráfico”.

O conhecimento realmente transforma e, ao conhecer a disciplina Sociologia do Crime e do Desvio, ministrada pela professora Marcela Zamboni, percebi que pesquisar sobre jovens que se diziam cristãos e ao mesmo tempo estavam inseridos em um contexto de violência como o tráfico de drogas, era o que realmente me interessava. Ter a professora Marcela como orientadora nessa empreitada foi e está sendo importante, pois, ser pesquisadora é um processo contínuo de aprendizagem.

Eu já frequentava a comunidade, pois, tenho familiares que residem nesta localidade, desse modo como já gostava de observar as situações que surgiam ao meu redor desde criança, foi mais fácil perceber a dinâmica social de jovens identificados como traficantes por parte da vizinhança. Eles costumavam participar de cultos religiosos em uma igreja evangélica, mais precisamente ligada a denominação pentecostal Assembleia de Deus. Ao iniciar a pesquisa de campo procurei fazer parte da rotina da vizinhança que incluía conversas em calçadas, festinhas infantis e visitas à igreja, desse modo essas atividades me possibilitavam dialogar com as mães e as companheiras desses jovens como também com a missionária³ que é a líder espiritual da igreja.

Em uma dessas idas à comunidade passei por uma situação que jamais imaginei ser possível acontecer comigo, fui vítima de assalto, até então algo recorrente nos últimos tempos naquela localidade, o que eu não esperava era que, os jovens traficantes fossem se mobilizar para fazer justiça em relação ao ocorrido. Sempre ouvia em conversas na vizinhança que eles não admitiam crimes além do tráfico, uma norma que mais tarde os próprios me revelaram o motivo, que seria o acionamento da polícia, ou seja, frequentes delitos como assaltos e furtos provocariam constantes visitas de viaturas policiais ao bairro e isto é ruim para os negócios, pois impede a circulação de mercadorias como também de “clientes”.

Em relação ao assalto, eles não apenas encontraram a pessoa que me assaltou como também a espancaram e me devolveram o objeto, esse foi meu primeiro contato com o grupo de pesquisa que por vezes busquei evitar. A princípio, minha reação foi de medo ao ser

³ A utilização do termo “missionária” de acordo com a própria é um título dado às mulheres que se destacam na denominação Assembleia de Deus, sendo estas vocacionadas por Deus para exercer um papel de liderança. Título que exige um cerimonial realizado com a presença de todos os membros, denominado de “consagração”. A Assembleia de Deus não aceita pastoras em seus quadros de liderança, a missionária é uma liderança submetida ao pastoreio totalmente masculino. Existem diversos teólogos dentro da própria denominação que escrevem sobre o tema. Em um texto intitulado “Por que mulheres não podem ser pastoras?” na página da CPAD (editora evangélica) Ciro Sanches Zibordi justifica os motivos da não aceitação de mulheres como pastoras, trazendo textos bíblicos como referência. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastoras.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

procurada por um grupo de jovens que eu sabia ser de traficantes, depois foi de alívio por saber que queriam me entregar o objeto. Ao perceber que eles trouxeram o garoto que me assaltou meu coração acelerou e ao mesmo tempo fiquei chocada ao vê-lo coberto de sangue e muito ferido. Implorei para que o deixasse ir embora, até que a mãe veio aos prantos pedindo que eu não deixasse que eles o matassem. Em meio aos prantos da mãe e minhas súplicas, encerraram a sessão de tortura, alguns dias depois soube que ele ficara hospitalizado devido à gravidade do espancamento.

Este episódio trouxe-me vários questionamentos, como por exemplo, a continuação ou não da pesquisa, pois não apenas observei, mas, recordava os olhares deles ao espancarem o garoto diante de mim, vivenciei momentos difíceis dessa realidade violenta. Passei alguns dias em choque e, a todo o momento me recordava do episódio que, apesar de ter sido rápido, tive a sensação de ter sido uma eternidade. Mesmo assim decidi continuar a pesquisa e, aos poucos, voltei a circular pelas ruas, procurando construir diálogos com eles sempre que os encontrava principalmente nos cultos religiosos.

Surpreendi-me ao descobrir que, apesar de já ter alguma vivência na comunidade, ao iniciar a pesquisa eu conhecia apenas parte desta, a que seria minha “*bolha existencial*”. Ao não transitar em áreas que sempre julguei serem de risco, o que não deixa de ser, pois, é o local de frequentes confrontos entre o Bonde B e a polícia, em minha subjetividade todos que ali habitavam compartilhavam dos ideais do grupo como também dos crimes. Nesse sentido, o curso de Ciências Sociais me possibilitou passar por inúmeras desconstruções a cerca de visões de mundo que até então eu tinha em relação aos fenômenos sociais.

O local da pesquisa não é revelado, bem como os nomes dos interlocutores, devido ao contexto de violência vivenciado por eles. O sigilo é algo importante tanto para a segurança deles quanto para mim. Nesse sentido, existe a deferência à ética local (GRILLO, 2013) em relação a respeitar os limites permitidos por interlocutores, bem como a segurança de outros que me forneciam informações importantes em relação aos pesquisados. Face ao exposto, os nomes citados incluindo o nome do grupo são fictícios.

Os jovens traficantes sempre viveram à margem da comunidade, nesse sentido, ainda são considerados *outsiders*⁴ por grande parte dos moradores, como também eram por mim antes de iniciar a pesquisa, em razão disso, foi com um misto de medo e ansiedade que fui ao primeiro encontro com eles, esperando encontrar sujeitos mal educados, ameaçadores e questionadores, pois já era esta a minha concepção à respeito deles. Ao invés disso encontrei jovens tímidos e

⁴ De acordo com Becker (2008), alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. (BECKER, Howard S. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008).

desconfiados em falar no primeiro momento, porém conscientes de seus atos ilícitos, mas esperançosos de saírem um dia “*desta vida*” como eles próprios denominam sua situação dentro do tráfico.

Passei então a observar ainda que de modo distante, a missionária⁵ de uma igreja, como ela conversava com esses jovens de modo natural, sem medos ou receios e, do mesmo modo algumas mulheres pareciam ter nela um porto seguro, ou seja, alguém que compreendia o que elas passavam com seus filhos. Comecei a “investigar” como aqueles jovens se reuniam, onde e como se articulavam dentro da comunidade. A cada abordagem policial que acontecia pude perceber a revolta e impassividade das mães como também a satisfação de alguns moradores.

Comecei a me familiarizar com eles a partir de visitas à igreja evangélica. De fato para mim foi algo questionável a princípio perceber que os jovens traficantes que cometem inúmeros crimes relatados por eles próprios, pudessem participar de cultos e celebrações cristãos, de modo que, a princípio para mim seria inconcebível. No entanto a partir da etnografia e de várias conversas com eles próprios compreendi o significado desse espaço religioso e como essa sociabilidade permeada de simbolismos e afetos é importante para que outras relações e outros laços fossem respectivamente construídos e fortalecidos.

Os jovens traficantes⁶ estão inseridos em um contexto de vulnerabilidade social que engloba vários problemas como: estrutura familiar complexa, falta de acesso a bens de consumo e culturais, pobreza, precariedade de serviços essenciais como rede de esgoto, água potável (falta de água constante na comunidade), coleta de lixo. Além desses problemas, a violência urbana através do tráfico de drogas é um fenômeno constante, visto que o tráfico produz disputas de territórios que geralmente acarretam em mortes, assaltos e conflitos familiares. Os jovens inseridos em uma realidade em que a proteção social demonstra ser deficiente poderão ser atraídos ao tráfico de drogas e com isso sujeitos a tornarem-se alvos em situações de violência extrema, Souza (2005) analisa a precariedade em que esses jovens são submetidos ao adentrarem ao tráfico de drogas ilegais:

Fatal para muitos jovens desses aglomerados urbanos das periferias das grandes cidades é sua entrada no tráfico de drogas. O estudo feito pelo CRISP referido anteriormente, aponta também que diversas formas de associação entre crimes predatórios e drogas têm sido estudadas na literatura. São comuns tópicos tais como afinidade entre o uso de drogas e a propensão para cometer crimes, formas de financiamento da dependência, crises de abstinência, formas de resolução de conflitos extraleais e necessidade de armas caras para

⁵ O título de missionária é dado às mulheres na Assembleia de Deus representando a maior titulação que podem receber nesta denominação.

⁶ Utilizamos o termo “jovens traficantes”, por ser esse o modo como os integrantes do Bonde B se definem enquanto sujeitos inseridos no crime.

tais fins (JOHNSON *et al.*, 1990). O padrão que mais se assemelha ao que parece estar ocorrendo em muitas favelas, entre os jovens, é denominado como “violência sistêmica” — crimes cometidos entre pessoas envolvidas em redes de venda de drogas (GOLDSTEIN, 1985). A variedade sistêmica de violência associada a droga envolve guerras por territórios entre traficantes rivais, agressões e homicídios cometidos no interior da hierarquia de vendedores como forma de reforço de códigos normativos, roubos de drogas, com retaliações violentas da parte do traficante e de seus patrões, eliminação de informantes e punições por vender drogas adulteradas ou não conseguir quitar débitos com vendedores. Outros motivos que podem levar o jovem a buscar no tráfico de drogas uma referência para suas vidas levam-nos a pensarem questões sociais como, por exemplo, o desemprego. O papel do mercado de trabalho como fonte de socialização, isto é, um espaço em que os jovens adquirem ou consolidam valores e crenças sobre as formas de troca entre indivíduos e entre indivíduos e instituições deve ser levado em conta. Cardia (2004) citando estudos de Crutchfield e Pitchford, de 1997, mostra a relação entre emprego e desemprego e a prática de crimes violentos e contra a propriedade (SOUZA, 2005, p. 104-105).

A comunidade em que a pesquisa foi realizada faz parte da região metropolitana de João Pessoa. O grupo de jovens intitulado Bonde B por sua vez pertence a uma facção criminosa que atua no estado com o tráfico de drogas. Os integrantes pesquisados têm entre 19 e 29 anos sendo que, alguns já participavam da pesquisa quando esta foi realizada para o meu trabalho de conclusão de curso. Alguns que me concederam relatos na época foram assassinados, outros não fazem mais parte da facção, exercem trabalhos formais. Como se pôde ver, o campo está sempre em movimento.

Eles transitam entre dois mundos; o do tráfico e da religião. Nesse caso a igreja enquanto um espaço importante para a construção de laços, redes de proteção bem como ressignificação de si será, terá importante função em momentos distintos como a construção de uma nova identidade, como também a celebração fúnebre dos parceiros⁷. Neste espaço, segundo eles, se sentem “humanos”, no sentido de que há uma desumanização no olhar do outro em relação a esses sujeitos por parte de moradores da comunidade. Sendo percebidos como, vilões, justiceiros, bandidos, matáveis, ou seja, são várias percepções, porém, todas associadas ao crime.

Nos últimos quinze anos estudos observaram o crescimento de igrejas evangélicas nas periferias dos centros urbanos e, como essa visão de mundo a partir de conceitos cristãos se entrelaça com outro universo, o do tráfico de drogas (BIRMAN, 2008; TEIXEIRA, 2011, 2019; CÔRTEZ, 2005; CUNHA, 2015). Em específico o movimento pentecostal é o que de acordo com pesquisas mais cresce na periferia. Segundo Lopes Júnior (2014), os pentecostais são o grupo evangélico que mais tem crescido mundialmente. Nesse sentido em visitas aos bairros da

⁷ Termo nativo que eles utilizam ao se referir ao companheiro de grupo.

cidade foi possível perceber um maior número de igrejas pentecostais em regiões mais periféricas, e nas avenidas principais os grandes templos das igrejas evangélicas tradicionais como Batistas Congregacionais e Presbiterianas.

A igreja em que a pesquisa foi realizada é dirigida por uma mulher, esta parece quebrar uma tradição dentro do próprio meio pentecostal, já que a denominação Assembléia de Deus a qual a igreja é ligada não permite a liderança feminina. O caso da missionária Fernanda é complexo, pois, ela não só lidera como também é dona do próprio imóvel. Apesar de liderar homens, frequentemente passa por situações em que o machismo é ainda um dos seus maiores problemas. Neste trabalho de “resgate de almas” que faz junto ao grupo Bonde B, a missionária também passa por discriminação, já que alguns moradores costumam se referir a igreja como “igreja dos traficantes”.

De acordo com Birman (1996) enquanto no catolicismo e nas religiões afros o feminino tem forte relação com o sagrado, percebido nos simbolismos como imagens de santas católicas, representações da mãe de santo nos cultos afros, esta figura feminina possui então um lugar importante que seria o de mediação. No meio protestante é diferente, a mulher será vista na hierarquia como a parte mais fraca, que deve submissão ao homem, ou seja, a representação do masculino na figura do pastor ainda impera. O papel de mulher, ainda segundo Birman (1996), seria uma extensão do âmbito familiar, do cuidado, de orar e buscar a conversão da família.

Apesar de, no catolicismo práticas voltadas ao patriarcalismo ainda persistirem, a ideia do sagrado na figura feminina de Maria, em que existe a devoção e o modelo ideal de mulher a seguir, difere no protestantismo em que o modelo de família perfeita será aquele em que a mulher estará em evidência como a esposa submissa ao marido, voltada ao cuidado da família. Nesse sentido a missionária vai à contramão desse exemplo. Divorciada e sem companheiro para devotar os cuidados de esposa, passou pela perda do filho que foi assassinado. Desse modo ela é alvo de constantes comentários sobre sua credibilidade para estar à frente de uma igreja.

Em conversas informais com a missionária Fernanda ela relata que vários membros do gênero masculino saíram da igreja por não aceitarem a autoridade feminina. No entanto havia um pastor que lhe auxiliava nos trabalhos semanais, porém houve divergência entre os dois e com a saída deste, um grupo de ‘irmãos’ decidiu acompanhá-lo por acreditar que a igreja deveria ser dirigida por um homem e não por uma mulher divorciada.

Observamos que o protagonismo feminino nesta pesquisa não se limita ao âmbito religioso. Com a prisão do líder do Bonde B, sua companheira se tornou uma espécie de líder “informal”, ou seja, o líder do grupo continua sendo seu esposo mesmo dentro da prisão, com outro integrante que o substitui diante dos membros do grupo, significando a representação

masculina de liderança, necessária para fortalecimento deste, porém, a companheira é quem sempre toma as decisões, organiza eventos dentro da comunidade e impõe certo respeito entre os moradores, além de resolver os conflitos que surgem entre eles.

O lugar da mulher seja no tráfico ou no espaço religioso foi observado como o lugar de protagonismo, através da rotina vivenciada por duas mulheres, uma líder espiritual e outra assumindo o lugar do companheiro no universo do tráfico de drogas. Mesmo passando por processos discriminatórios em seus espaços, são mulheres que exercem lideranças em ambientes completamente diferentes, porém sujeitas a situações semelhantes em que, o machismo se apresenta como tentativa de impedimento ao exercício de suas funções. Ambas estão buscando expandir e consolidar os respectivos trabalhos em um meio consolidado pelo predomínio de liderança masculina.

Outra representação feminina na pesquisa que é a mãe do jovem traficante apresenta sua relevância não apenas por ser um significant canal na relação do filho com a religiosidade, mas também, enquanto mulher, mantenedora da família e aquela que busca a “salvação filho”, ou seja, a saída deste do tráfico ao mesmo tempo em que luta por reconhecimento enquanto cidadã na comunidade em que é percebida como responsável pela inserção do filho no tráfico.

A mãe exercerá também, um importante lugar no ritual de despedida ocorrido em velórios dos integrantes do Bonde B. Além do significado que terá na dinâmica social do grupo a partir de uma representação do sagrado, foi observado que, a morte violenta do filho, produz simbolismos relacionados à maternidade que são expostos através dos rituais de despedida. Dessa forma, a mãe, antes apontada na comunidade como a que não foi “boa mãe”, passa a ocupar durante o velório um lugar sacralizado, remetendo à figura da mãe sofredora de Cristo. Ela é “reverenciada” ao assumir o papel da “mãe enlutada”.

Realizar a pesquisa foi desafiador, no sentido de que a todo o momento enquanto observava a dinâmica do grupo, também fui observada. Na data de aniversário da missionária um dos jovens traficantes pediu para que sua namorada viesse falar comigo no local em que costume passar o dia para fazer trabalho de campo, ela me disse que ele gostaria de organizar uma surpresa para a missionária e pediu minha ajuda, pois, sabia que eu frequentava a igreja e sempre estava conversando com alguns jovens do grupo. O que me fez ficar mais atenta em relação às incursões na comunidade.

. Observamos que a igreja enquanto espaço de sociabilidade oferece momentos de interação, lazer e cultura através da música, dança e teatro. Laços de afetos são construídos e fortalecidos através da relação dos jovens com a igreja na representação da missionária. Ela é uma figura importante na construção de valores e mudanças de vida e sentido que, muitas vezes

ocorrem quando um deles passa a ter a representação de ex-traficante diante da comunidade. Assumindo uma nova forma do ser religioso, passando a ser não apenas mais um “crente”, tornando-se *ex-bandido*, como geralmente são apontados dentro da igreja. A tomada de decisão de sair do grupo e assumir um novo papel social poderá acontecer por inúmeros fatores, porém, é importante ressaltar que, dependerá inicialmente da permissão do líder.

No decorrer da dissertação, é possível observar as narrativas construídas a partir de um contexto de certa vulnerabilidade social, trazendo para o foco do debate uma representação social em relação a jovens inseridos no crime. Expomos aqui o quanto essa representação poderá servir como fundamento para o tipo de interação que haverá entre esses jovens e a sociedade.

Foi possível observar os sujeitos e suas rotinas, bem como vivenciam uma dinâmica de insegurança e vigilância constante em meio a uma guerra de facções. No entanto, apesar da rotina violenta que experimentam o fenômeno religioso através da interação entre eles e a missionária demonstrou exercer relevante influência na dinâmica do grupo a partir de seus valores sendo capaz de transformar a sociabilidade destes.

A partir da conversão dos jovens traficantes, surge uma nova categoria, a de ex-bandido. Essa nova forma de si assume uma narrativa própria de quem agora exerce a *carreira de pregador* (CÔRTEZ, 2005), pois agora esse novo ser precisa evangelizar através do seu *testemunho de vida*, atraindo para o universo religioso o maior número de jovens traficantes que ele puder. Afirmam que a *salvação* precisa ser compartilhada. Durante a observação participante realizada na igreja, as narrativas a cerca dos crimes cometidos se limitavam a associa-los ao diabo, este ser sobrenatural seria o responsável. Trazendo o debate de Côrtes em relação a essa nova configuração, ela chama a atenção para a responsabilização do outro no sentido moral-religioso, por erros cometidos, ainda que esse outro seja um ser invisível:

Os erros e crimes cometidos não ocorreram por uma falha de caráter do sujeito ético ou por um desvio moral de conduta e tampouco pela imanência do pecado na natureza humana. Por outro lado, a culpa e/ou responsabilidade também não é localizada nas desigualdades sociais da sociedade brasileira e na consequente submissão à necessidade peremptória de reprodução da vida, que a falta de oportunidades impõe aos sujeitos desesperados, quando o recurso ao crime é justificado no registro da necessidade. A culpa, em seu sentido moral-religioso, e a responsabilidade, em seu sentido ético-político, são localizadas no diabo et caterva, que oprimem e possuem os homens, levando-os a cometerem atos imprevistos e errados e a aceitarem os expedientes violentos como saída para um mundo que parece sem saída. A presença do diabo nas narrativas é tão absoluta, que nos testemunhos vendidos em cd's e fitas-cassete são numerosas as referências feitas a ele, por diferentes motivos (CÔRTEZ, 2005, p. 55).

A morte esperada é abordada através da percepção dos que perdem seus parceiros. O luto apresenta uma forma de expressar sentimentos e emoções que permeiam os integrantes do Bonde B. O ritual fúnebre contém importantes elementos simbólicos, como músicas e vestes que, representam a presença daquele que se foi. O ritual público também mostrou ser uma forma organizada de reivindicação do lugar de fala dentro da comunidade.

O clamor da mãe no ritual fúnebre é o momento mais aguardado dos presentes. Ela é a figura central, a começar por seu lugar no ambiente que será sentada ao lado do caixão. Estar ao lado da mãe que antes seria uma presença não desejada por parte da vizinhança, nesse momento é considerado um lugar de prestígio, em que todos os olhares são voltados para ela. O ritual é o momento de visibilidade do grupo, em que seus integrantes são percebidos como “merecedores de consolo”, bem como protagonistas da celebração.

1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Discorrerei sobre as abordagens metodológicas possíveis utilizadas ao pesquisar sujeitos inseridos no universo do tráfico de drogas. De acordo com Grillo (2013) ao estudar o crime nos deparamos com inúmeros dilemas éticos e barreiras que não podemos transpassar, como por exemplo, a não divulgação de dados que possam colocar em risco a vida da própria pesquisadora:

Os dilemas éticos que me afligiram relacionaram-se ao respeito aos meus interlocutores no que concerne às condições de realização da pesquisa e à divulgação dos dados. A situação delicada a que se expõe o pesquisador ao investigar práticas criminalizadas e realizar seu trabalho de campo em um ambiente hostil à livre circulação de informação coloca-o diante da necessidade de inovar métodos, na medida em que uma obrigação ética pode colidir com outra ou, até mesmo, asseverar os riscos inerentes a este tipo de pesquisa. É preciso estar atento à ética local e não mais apenas à ética prescrita aos antropólogos, de modo a não expor a si mesmo ou os outros a perigos desnecessários (GRILLO, 2013, p. 36).

Durante a graduação em Ciências Sociais a Sociologia se definia para mim como a área que mais me atraía, pois, ao observar a comunidade em que alguns familiares meus residem, eu percebia como alguns jovens transitavam de modo discreto, porém impondo medo à população, comecei então a problematizar essa situação com um olhar sociológico em plena aprendizagem do “fazer pesquisa de campo”.

Quando iniciei esta pesquisa de campo em junho de 2019, a intenção era realizar entrevistas, porém, ao observar a rotina dos jovens traficantes entendi que não seria possível, visto que, ao fazer parte de um grupo vinculado a uma facção criminosa a dinâmica se torna

bastante incerta. Alguns jovens passam dias sem aparecer nas ruas e esquinas da comunidade. Eles ficam em lugares estratégicos, sendo quase impossível encontra-los, ou até arriscado insistir nesse encontro. Propus aos jovens do Bonde B e suas mães conversas informais e rodas de conversas, porém, as mães não aceitaram participar de rodas de conversas e sim falar individualmente.

As conversas com os jovens traficantes foram realizadas entre os meses de janeiro e fevereiro de 2020. Sempre em um local estratégico no sentido de obter neutralidade dentro do campo, ou seja, longe das chamadas “bocas de fumo” que são os pontos de vendas e longe das ruas principais que dão acesso ao centro da cidade. Os relatos das mães foram colhidos entre os meses de setembro a novembro de 2020, ainda em meio à pandemia da Covid-19, porém com a fase de flexibilização, foi possível o encontro com elas. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de junho de 2019 a dezembro de 2020.

Os métodos de questionário e roteiro de entrevista foram descartados, pois, a dinâmica do grupo é sempre sujeita a mudanças. Várias foram às vezes em que os encontros com os jovens foram cancelados ou interrompidos por risco de invasão da facção rival. As conversas informais, realizadas em grupos de três ou quatro interlocutores apresentaram ser um método produtivo. Desse modo, as mães também concordaram em conversar informalmente.

A escolha das mulheres para essa pesquisa foi feita a partir da proposta de investigar como a relação entre crime e religiosidade se torna norteadora de dinâmicas sociais entre mães e filhos. As mulheres transitam entre o tráfico e a religião, a partir da inserção de seus filhos no crime. Elas passam a utilizar a religião como um instrumento de resgate dos mesmos. As três mulheres as quais deram seus depoimentos, participam ou já participaram da igreja, são responsáveis em manter financeiramente a família, e relataram que os filhos cresceram sem a presença do pai.

Os jovens interlocutores que fizeram parte da pesquisa tiveram como critérios a participação do Bonde B, ser maior de 18 anos, frequentar a igreja ou declarar ser praticante da religião cristã evangélica. É preciso ressaltar que, dentro do Bonde B foi verificado que existia até o momento da pesquisa apenas um integrante que se dizia satanista, segundo um interlocutor este não era bem considerado pelos demais membros do grupo. O relato de um jovem chamado aqui por Daniel tem relevância na pesquisa, uma vez que, sua vivência como ex-traficante e atual presbítero de uma igreja é percebido pelo grupo como um exemplo a ser seguido, um “sobrevivente do *inferno* que agora está no *céu*”. Ele aproveita o status de “bandido regenerado” para transitar entre as bocas de fumo e assim como ele diz “*levar a palavra da*

salvação aos que precisam”. A categoria ex-bandido enquanto construção social (TEIXEIRA, 2011), é representada na pesquisa por Daniel.

O método etnográfico utilizado se justifica por ser este o meio em que a observação participante é a ferramenta mais importante utilizada pela pesquisadora. De acordo com Malinowski (1978) o “verdadeiro espírito dos nativos” é trazido quando a teoria inspira o pesquisador e este observa participando da vida diária de seus pesquisados, de modo que todos os passos da pesquisa possam ser descritos detalhadamente. Dessa forma me tornei uma observadora participante no sentido *malinowskiano* da palavra, de modo que, à medida que observava o movimento da comunidade. Laços com algumas interlocutoras eram construídos naturalmente, ao ponto de algumas me convidarem para o almoço de domingo, algo que eu participava com muito receio, pois temia que a qualquer momento a polícia ou algum membro da facção rival invadisse a casa. Certo dia, a companheira de um dos jovens com quem eu sempre conversava, deixou a casa levando os filhos sem ele saber. Ela era vítima de violência doméstica e, segundo a mesma não aguentando mais, resolveu fugir. Neste dia eu não me encontrava no campo, ao ouvir uma mensagem de áudio de um número desconhecido me deparei com a voz do jovem, algo que me surpreendeu, ele dizia:

Janaina, fulana está com você? Ela saiu de casa e eu não sei para onde ela foi. Como eu sei que você conversa muito com ela, pensei que ela estivesse com você, já que hoje você não esteve aqui na favela. Eu consegui teu número e por isso peço que me fale a verdade (Weverson).

Mais uma vez ficando claro que os meus passos eram observados, eles sabiam quem eram as pessoas com quem eu conversava como também o modo como me comportava dentro da comunidade. Neste momento me apavorei só em saber que eu poderia ter feito algo que pudesse ser mal interpretado por eles e isso poderia custar minha vida. A partir de então passei a me disciplinar em minhas idas ao campo, a me apresentar o mais natural possível, porém essa naturalidade seria treinada, ao ponto de tentar não ser percebida como uma estranha, mas tornar o estranho familiar (VELHO, 1978).

O fazer etnográfico passa por momentos em que a pesquisadora poderá “ser afetada” (FAVREET-SAADA, 2005). Deixei-me ser afetada em diversos momentos, principalmente nos cultos, pois queria passar por essa experiência, em que a compreensão se dará na área dos sentidos. De acordo com Corrêa (2015) seria um mergulho no mundo de ações dos crentes. Os clamores, preces e os choros das mulheres nesse momento são compartilhados com os filhos que alí estão, e toda a congregação se une ao que parece ser uma experiência transcendente. Em alguns momentos me surpreendi com lágrimas rolando em meu rosto quando algum membro

do Bonde B *aceitava a Jesus*, ou seja, iniciava ali um novo ser; o ex-bandido, que a partir de então passa a ser percebido com outro olhar perante a comunidade.

Nesse sentido, a etnografia possibilita formas de apreensão de partes que, aos poucos dão forma a uma nova compreensão do objeto, de acordo com Magnani (2002), em especial a etnografia urbana nos dá um novo olhar *de perto e de dentro* da cidade:

Por último cabe assinalar que o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe (MAGNANI, 2002, p. 7).

A pesquisa, além de utilizar o método etnográfico com observação participante, apresenta também relatos de interlocutores que através de conversas informais contribuíram para a obtenção de dados para uma melhor investigação sobre o fenômeno social. Desse modo a investigação se caracteriza como qualitativa, por permitir que os relatos dos atores fossem considerados um fator importante para a compreensão destes nesse sentido, seus lugares de fala são relevantes no processo de construção dos argumentos da dissertação.

É importante frisar que ao pesquisar sobre, o “aceitar Jesus” dentro do Bonde B, foi percebido que, esta será uma tomada de decisão que poderá vir a partir de inúmeras situações, como por exemplo, o perdão de dívidas no tráfico ou estar sob a ameaça de morte. A religiosidade passará a ser exercida a partir de outra perspectiva, que implicará no não exercício de qualquer atividade criminalizada. Também foi observado que, é possível ser integrante do Bonde B e ao mesmo tempo participar de um universo religioso, desde que, este cumpra suas funções dentro do grupo, porém os valores cristãos em certas situações poderão nortear certas ações. A decisão de “aceitar Jesus” implica em tornar-se um novo sujeito, inserido em outro grupo, porém, os laços que o ligava ao Bonde B ainda permanecerão, o que será exposto adiante.

A difícil tarefa ainda estava por vir: Buscar relatos e falas dos interlocutores nos velórios, o que é de suma importância no trabalho etnográfico. Ao coletar esses dados em momentos em que apenas o silêncio fala, é indispensável a sensibilidade de tentar “ouvi-lo” e transcrever o que os interlocutores comunicam através dos movimentos e olhares nesses instantes. Participei de seis velórios de jovens traficantes entre os anos de 2019 a 2020, observando o ritual do luto, as práticas existentes no velório e como o lugar da mãe é importante a partir de uma performance esperada por ela. Como figura central no lugar do pranteamento, esta terá sua imagem ressignificada pela comunidade durante o ritual fúnebre.

Durante as visitas aos velórios, o momento de despedida do “parceiro” é carregado de significados, o ritual realizado pelo grupo é observado em silêncio por todos. Foi difícil continuar como pesquisadora e não permitir que a emoção transparecesse ao ver vidas tão jovens sendo destruídas por uma morte tão violenta. Uma mistura de sentimentos vem à tona, e adentrar no universo de sensações e ações dos interlocutores foi importante para que eu pudesse me aproximar daquilo que eles estavam vivenciando.

Ao presenciar momentos de alegria e descontração na igreja, considerei a observação participante uma tarefa agradável, no entanto, o ritual fúnebre me trouxe reflexões, estranhamento e tristeza. De acordo com Corrêa (2015), é importante esta “sintonização mútua de afetos”, para melhor compreender e vivenciar juntamente com eles essa mistura de sensações e emoções, objetivando familiaridade e fortalecendo a interação.

A moralidade e a religiosidade estão entrelaçadas na subjetividade dos sujeitos, ainda que, o crime seja um fator presente e produtor de sujeitos e sujeições, ser criminoso e religioso produz comportamentos que trazem valores morais ao grupo, e as formas de executar as atividades criminosas.

1.1.1 O campo em movimento: mudanças em tempos de pandemia

Os efeitos da pandemia do novo Coronavírus trouxeram impactos em todas as sociedades afetadas por ela. As mudanças provocadas pelo isolamento social, necessárias para a diminuição da transmissão Covid-19 afetaram principalmente a população pobre que não poderia simplesmente ficar em casa assistindo séries de *streaming* ou fazendo pão integral. Apesar da letalidade do vírus ter sido amplamente divulgada nos meios de comunicação, a comunidade seguia a rotina sem maiores mudanças. As pessoas continuavam trabalhando, porém com certa dificuldade para se locomover, já que o transporte público havia paralisado.

A missionária marcou um dia para fazermos a entrega de máscaras na área de risco em que o Bonde comanda. Passamos um dia inteiro fazendo as entregas, porém ao entardecer

quando íamos a um determinado local um dos fiéis avisou que não poderíamos continuar. Era um horário em que geralmente a polícia fazia as rondas, e com isso costumava ocorrer troca de tiros entre ela e o grupo. Com isso tivemos que voltar rápido e continuar a distribuição em um local menos arriscado. Ao oferecer as máscaras aos jovens traficantes que encontrávamos, alguns eram taxativos em afirmar que não precisavam do equipamento de proteção, pois, *Deus era quem iria protegê-los*. É preciso ressaltar aqui como o discurso religioso vai tomando forma em ações práticas, em que valores vão sendo ressignificados a partir da religiosidade.

Em meio à pandemia e com a aproximação das eleições municipais a comunidade é frequentemente visitada por candidatos em busca de votos. O apoio das lideranças do grupo é necessário para a permissão da campanha. Aos finais de semanas, alguns candidatos faziam a distribuição de bebidas na comunidade. Em meio ao lixo, matagal e falta de iluminação pública, candidatos à reeleição que raramente são vistos fora do período eleitoral, parecem à vontade em um bairro pobre que há anos sofre com a falta de infraestrutura. A entrega dessas bebidas se deu antes de minha chegada ao local, porém, durante as visitas alguns moradores apresentaram relatos similares em relação ao acontecimento.

A crise econômica instaurada a partir da pandemia afetou também o grupo. De acordo com um informante o abastecimento de drogas foi suspenso temporariamente fazendo com que o dinheiro parasse de entrar nos negócios. Com isso, alguns integrantes partiram para a alternativa de assaltos em outras localidades, principalmente em comércios cujos serviços eram essenciais como, por exemplo, mercados e, postos de gasolina, ocasionando uma disputa com a facção rival Okaida por domínio de territórios. Cabe ressaltar que, durante esse período foi decretado pelo Bonde B toque de recolher na comunidade. Assim evitei caminhar durante a noite, pois, era frequente a troca de tiros entre os grupos rivais.

Diante do exposto, através do fazer etnográfico buscou compreender a realidade investigada. Durante o período da pesquisa foi possível conversar com cinquenta jovens, desse modo foram registrados no caderno de campo suas ações, bem como a rotina diária. Ao final da coleta de dados, iniciei a análise dos mesmos. O material depois de lido e organizado, foi posto em blocos de discussão que originou os capítulos da dissertação.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo é uma apresentação do grupo de jovens traficantes, de como atuam na comunidade em meio a questões como territorialidade, vizinhança e sua aproximação com a igreja. Neste sentido como a igreja se torna um espaço de sociabilidade em que, por meio desta os jovens têm acesso a eventos sociais distintos de sua dinâmica social, como encontros de jovens, comemorações com participação de familiares, a igreja se torna um espaço além da religiosidade, visto que poderão ter acesso a

bens culturais como, música, instrumentos musicais e livros. A percepção dos membros da igreja em relação à presença dos jovens traficantes também é apresentada neste capítulo, bem como a interação de familiares nos cultos.

A nova vida do convertido está representada na figura de Daniel o ex traficante que se tornou presbítero, é refletida com a mudança de valores que, será produtora de uma nova visão da realidade ao seu redor, desse modo contribuindo para outras práticas desse novo sujeito. A partir de então sua presença na comunidade despertará novos comportamentos em relação a ele.

No segundo capítulo é discutida a relação entre mãe e filho no universo do tráfico. Os relatos de três mães nos mostram como a estigmatização pode contribuir para a construção do não sujeito, a partir da percepção de um determinado grupo.. A partir disso, foi observado que alguns moradores, apresentaram um discurso machista em relação à mãe, tornando-a única responsável por seu filho ter sido assassinado, ou se tornado um traficante. Em outra abordagem foi verificado a questão do protagonismo feminino nesse entrelaçamento entre tráfico e religiosidade. A missionária como mulher, líder de um espaço ocupado historicamente por homens, como também a esposa do traficante líder do Bonde B. São mulheres que exercem papéis importantes em espaços distintos, porém, vivenciam por situações semelhantes; o preconceito ao exercerem funções que antes eram predominadas por homens, visto que a ordem naturalizada seria homens controlando homens.

No terceiro capítulo exponho a percepção que os jovens traficantes têm em relação a perda do parceiro por meio da morte violenta. Descrevo o ritual do luto realizado por eles e, como a igreja enquanto espaço religioso torna-se importante nesse processo de despedida não apenas para o Bonde B, como também para a comunidade. Neste sentido os velórios dos jovens traficantes passam a ser ressignificados. Finalmente o lugar da mãe no ritual de despedida a colocará em um novo papel social a partir da morte do filho e durante o funeral. Fazendo com que seja protagonista no lugar de lamento, gerando disputas entre os presentes sobre quem ficará ao lado dela no momento da despedida.

Cabe ressaltar que, os nomes citados são fictícios, as falas dos sujeitos estão em *itálico*. Foi feito um recorte de classe e geracional.

CAPÍTULO II – TERRITÓRIO, VIZINHANÇA E FAMÍLIA: IMPORTANTES MECANISMOS PARA A CONSTRUÇÃO DE LAÇOS ENTRE A IGREJA E OS JOVENS TRAFICANTES

Dados relativos à violência urbana apresentam o crescimento de 37,5% de jovens assassinados em 2017, em relação a 2007⁸ (IPEA, 2019), ou seja, são mais de 35.000 pessoas mortas entre 15 a 29 anos, portanto a morte prematura de jovens no país infelizmente só aumenta. Este dado aponta para uma categoria de juventude que cada vez mais tem sido exterminada no Brasil através de morte violenta; o jovem pobre em sua maioria negro, morador de periferia e com pouca escolaridade, que por vezes busca no tráfico de drogas uma alternativa de subsistência⁹.

⁸ INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência 2019**. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/190626_infograficoatlas_2019.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁹ De acordo com reportagem da BBC NEWS o recorte apresentado por dados do IPEA traz as seguintes informações: 77% foram mortos por armas de fogo, 75,5% negros, sendo a maior parte das vítimas com baixa

De acordo com Alba Zaluar (2012) “o tráfico de drogas oferece aos jovens com dificuldades no mercado de trabalho a oportunidade de ganhar dinheiro”. Além disso, existem ainda outros fatores como; a falta de investimento do governo em políticas públicas para esse grupo social vulnerável, polícia corrompida e, a aparente facilidade de um trabalho ainda que ilícito, possibilita rápido acesso ao dinheiro e bens de consumo, são fatores apresentados nas narrativas dos interlocutores como facilitadores de sua inserção ao crime.

A região em que a pesquisa está sendo realizada “pertence” a facção EUA e, antes era dominada pela Okaida. O Bonde B é um grupo composto por jovens do gênero masculino com idade entre 14 e 28 anos¹⁰ antes ligado a Okaida, porém, depois da mais recente disputa entre elas, passou a pertencer a facção EUA. Segundo matéria do Portal Correio¹¹, o índice de homicídio entre homens jovens na Paraíba é de 136,8 para cada 100 mil habitantes, ficando acima do índice nacional que é de 130,4. Em 2017 dos 1.341 homicídios que ocorreram no Estado, 668 foram de jovens entre 15 e 29 anos, do gênero masculino e negro.

De acordo com reportagem do Portal UOL¹², na Paraíba a Okaida é, uma das maiores facções criminosas que atuam no estado, que controlando não apenas os presídios da capital, como também, vários bairros da periferia. Os jovens ainda menores de idade são “filiados” à facção que, já ‘havia arregimentado cerca de seis mil membros no estado até aquele momento.

Poucas são as informações oficiais sobre o início das facções no estado, ainda segundo a reportagem, tanto a Okaida quanto a EUA surgiram no início dos anos 2000. A Okaida é uma forma brasileira da *Al-Qaeda*, grupo terrorista ligado ao Talibã responsável por comandar o Estado Islâmico no Afeganistão. A facção EUA surgiu em resposta à Okaida, em alusão a midiática “guerra ao terror” alardeada pelos Estados Unidos. De acordo com interlocutores, os fundadores da Okaida conhecidos como R e B atualmente estão em um presídio situado em Rondônia, na Paraíba existem os líderes que comandam e articulam as ações da facção.

Foi observado que, a dinâmica das facções que controlam o tráfico na cidade torna-se então uma visão micro da estrutura do crime no estado. Ao término da pesquisa de campo houve uma série de mudanças em relação às facções, a localidade em que a pesquisa foi realizada antes era controlada pela Okaida. Após uma guerra entre as facções por controle territorial a

escolaridade e o maior número de mortes concentrado no Norte e no Nordeste. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504184>. Acesso em: 11 mar. 2020.

¹⁰ Cabe ressaltar que, o recorte realizado na pesquisa é de jovens a partir de 18 anos.

¹¹ PORTAL CORREIO. **Jovens e negros são principais vítimas de assassinato**. 5 jun. 2019. Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/homens-jovens-e-negros-sao-principais-vitimas-de-assassinatos-na-pb/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

¹² MACHADO, Leandro. **A ascensão da Okaida, facção criminosa com 6 mil ‘soldados’ na Paraíba**. 18 abr. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/04/18/okaida-paraiba-facao-criminosa.htm>. Acesso em: 25 jun. 2020.

comunidade passou a fazer parte dos domínios da EUA, diante disso o resultado foi a morte de alguns jovens.

De acordo com relatos, a mudança de facção se deu por “necessidade de sobrevivência” A facção EUA é considerada por muitos como o braço do PCC na Paraíba, esta passou a controlar a maior parte do comércio de drogas, uma vez que a Okaida não tinha como suprir as chamadas bocas, ou seja, os pontos de venda, desse modo muitos grupos que trabalhavam para a Okaida passarão agora a realizar seus negócios com a EUA. A retomada de territórios provou várias mortes, pânico entre moradores e reação policial que partiu para a guerra contra as facções.

A Okaida passou então a ter nova liderança, passando a chamar-se Nova Okaida, com o objetivo de retomar o território conquistado pela EUA. Cabe ressaltar que, diante desse conflito entre as facções, os jovens são muitas vezes recrutados durante a madrugada para “proteger” a boca de possíveis invasões. Algumas mães relatam a incerteza de saber se os filhos voltarão com vida ao amanhecer. Uma mãe relata com revolta: *Meu filho e tantos outros servem de peito de aço para os grandes que ficam em casa, descansando, isso me dói, ele é obrigado a descer e ficar a madrugada de vigia!*

Existe uma disparidade social entre, o jovem que vive na periferia em relação ao de classe média. Essa diferença é constatada, por exemplo, em oportunidades de iniciar uma carreira profissional com êxito. O tráfico, certamente tem se tornado uma alternativa para alguns jovens sem perspectiva profissional que, objetivam além de bens de consumo, ajudar no sustento da família. De acordo com a pesquisa realizada pela Organização Não-Governamental (ONG) Observatório de Favelas, no Complexo de Favelas da Maré, que buscou traçar o perfil e as práticas de jovens inseridos no tráfico, dos 150 jovens entrevistados 50,2% não teve a presença do pai no convívio familiar e, 62,1% disseram que entraram no tráfico para ajudar a família.

Neste contexto social específico em que realizo a pesquisa foi observado que, algumas mãe são as únicas provedoras da casa, e algumas alegam não ter condições de suprir totalmente as necessidades básicas da família. Desse modo, os filhos ao buscarem contribuir no orçamento familiar encontram como uma alternativa mais rápida o tráfico¹³, dessa forma alcançando certa independência financeira. Nesse sentido a construção da identidade do jovem é também algo

¹³ Não procuramos aqui defender como relação direta; pobreza e criminalidade, pois, obviamente nem todo jovem da periferia tem relação com o tráfico. Estamos expondo situações cotidianas observadas durante o trabalho de campo, como também constatadas por diversos pesquisadores que se debruçam em estudar esta realidade social que é a crescente entrada do jovem pobre no tráfico de drogas (PIMENTA, 2014).

importante, que requer um mínimo de estrutura em várias áreas da vida. De acordo com Luiz Eduardo Soares (2019), seria um processo penoso:

Sabemos como é difícil a adolescência. Cobranças fuzilam de todos os lados: porque não se é mais criança; porque ainda não se é adulto. As autoimagens vacilam, tremem sem nitidez, mergulham na fantasia temerária, recuam encharcadas de medo e insegurança, diluem-se na imaterialidade de quase tudo. A formação da identidade para os jovens é um processo penoso. As referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas. A construção de si é bem mais difícil que escolher uma roupa, ainda que a analogia não seja de todo má, uma vez que o interesse por uma camisa de marca, pelo tênis de marca, por exemplo, corresponde a um esforço para ser diferente e para ser igual, para ser *diferente-igual-aos outros*, isto é, igual àqueles que merecem admiração por parte dos segmentos que mais importam aos jovens - o que também varia. Roupas, posturas e imagens compõem uma linguagem simbólica inseparável de valores. Aquilo que na cultura *hip-hop* se chama de “atitude” talvez seja a síntese de uma estética e de uma ética que se combinam de modo muito próprio na construção da pessoa (SOARES, 2019, p. 198).

O líder do Bonde B atualmente se encontra em um presídio da capital, foi condenado por tráfico há alguns anos. De acordo com relatos de moradores os jovens traficantes realizaram uma festa de aniversário para ele, com a ajuda financeira de alguns comerciantes da região que “colaboraram” com o que podiam. O bolo continha mensagens em homenagem ao ‘paizão’ como é denominado pelos integrantes do grupo: ou seja, o líder parece representar a figura paternal que alguns jamais tiveram. Durante a comemoração, foi realizada dentre outras ações, uma queima de fogos que remetia à entrada de ano novo e, mesmo quem não participou da festa pôde observar e ouvir através dos fogos de artifícios.

Imagem 1 – Bolo de aniversário feito para o líder do grupo



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Geralmente o referencial de vida para esses jovens será o líder da facção. Neste caso, apesar de estar em um presídio, ele não deixa de ser menos importante para o grupo. De acordo com suas narrativas, este passa a significar o que eles têm mais próximo de um pai. Na imagem 1 é possível observar a importância do líder para o grupo, nesse caso o bolo que eles escolheram contém elementos simbólicos dessa representatividade, como a coroa que remete a imagem de um rei, ou seja, embora privado de liberdade e, não podendo estar presente no grupo, continua “reinando”. A mensagem com o nome *Paizão* como ele é costumeiramente identificado, reforça a ideia do líder que é mais que simplesmente um chefe, sobretudo traduz o significante de pai, que protege e, *chega junto*¹⁴.

Os jovens traficantes fazem parte de um grupo que comercializa drogas ilícitas, além de serem acusados de diversos homicídios na cidade. No início da pesquisa foi possível observar que, parte da comunidade apresenta incômodo ao falar sobre o grupo e, em rodas de conversas, ao perguntar sobre a presença dos jovens nos espaços públicos, a maioria questiona o porquê de a polícia ainda não *ter acabado* com esses *mofis*¹⁵. O estigma acompanha esses jovens, uma vez que, nas *conversas de calçadas*, também sempre ouvia relatos de que seria melhor a não existência deles. Já alguns moradores que convivem mais próximos dos jovens traficantes se mostravam receosos em expressar alguma opinião sobre os mesmos. De modo que, eles passam da invisibilidade de antes para uma visibilidade que impõe uma obediência às regras estipuladas por eles. De acordo com Soares (2019) o estigma é capaz de dissolver uma identidade, substituindo-a por um estereótipo:

Um jovem, em especial quando negro, caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desses personagens, a invisibilidade decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre a pessoa um estigma, um preconceito. Quando fazemos isso, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que a distingue, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos. O preconceito fala mais de quem o enuncia ou projeta que de quem o sofre, ainda que seja esse sofrimento o que deixa marcas. Quem está ali na esquina não é uma pessoa, com sua idade e história de vida, o “pivete perigoso” ou a “guria perdida”, cujo comportamento passa a ser previsível. Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de ela existir. Prever seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas. Como aquilo que se prevê é

¹⁴ Termo nativo utilizado entre eles para designar alguém que lhe ajuda em momentos de extrema necessidade e sempre lhe aconselha em algumas tomadas de decisões.

¹⁵ *Mofi* seria o diminutivo de ‘Meu Filho’, o termo passou a ser frequentemente utilizado por um repórter de um programa policial local que se tornou pejorativo ao ser usado para identificar através de características físicas e vestes um traficante, ou seja, um *mofi*.

ameaçador, a defesa antecipada será a agressão ou a fuga, também hostil. Quer dizer, o preconceito arma o medo, que dispara a violência (SOARES, 2019, p. 197).

É indispensável destacar o papel da igreja como um espaço de sociabilidade e de visibilidade para o grupo, como também será um local para a desconstrução do estereótipo de *mofi*. Uma vez que, dentro da igreja são forjadas maneiras de existir do ser religioso, assim sendo, esses sujeitos encontrarão certo acolhimento e aceitação por parte dos fiéis. Mais adiante irei expor a relação do grupo com a igreja, ressaltando que a aceitação do jovem traficante no meio religioso, representa para este uma forma de valorização de sua identidade como indivíduo, integrante de uma comunidade, possibilitando ainda participar de ações que visam o bem comum.

O espaço religioso também possibilita momentos em família, visto que, algumas companheiras e mães participam das atividades religiosas. Uma mãe me diz que “*vai pagar o preço por seu filho na igreja*”, ou seja, existe a compreensão de que, quanto mais a aproximação com o sobrenatural através dos ritos ou mesmo a frequência nos cultos são fatores que serão vistos como atitudes sacrificiais em prol da redenção do filho. Ao questionar como eles se sentiam participando dos cultos, vários me davam a mesma resposta; *Lá (na igreja) eu me sinto gente!*. O ‘ser gente’ tem várias implicações, que denotam o sentimento de pertença¹⁶ à determinada comunidade através de laços de afetos. Portanto o ‘sentir-se gente’ significará não mais viver à margem, produzindo uma ressignificação do eu nesse espaço.

Na igreja, portanto, o grupo não percebe o estigma a que estão sujeitos em diversas áreas da comunidade. De acordo com Michel Misse (2010) a partir de uma representação social de “bandido”, até a morte deste sujeito poderá ser desejada, essa representação passa pelo campo da subjetivação. Foi observado que, no espaço religioso através do acolhimento, os jovens se percebem fazendo parte de um grupo social que representa a comunidade, demonstrando assim uma ressignificação na ideia de sujeição criminal a qual Misse (2010) apresenta, ou seja, em outros espaços na comunidade a representação de bandido poderá existir, porém, dentro da igreja passam a assumir outra forma de sujeito.

¹⁶ De acordo com Koury (2017, p. 13) significa fazer parte do lugar onde se quer elaborar, construir, planejar, modificar ou gerir uma ação ou um produto cultural específico.

1.1 TERRITORIALIDADES: A ROTINA DIÁRIA DOS JOVENS TRAFICANTES NA COMUNIDADE

De acordo com os moradores, a violência na comunidade aumentou com a entrada e crescimento do tráfico, porém, ao perguntar sobre os assaltos em comércios e, roubos de celulares que aconteciam com frequência, eles respondem que, “os bandidos vem de fora”, ou seja, o medo é direcionado ao que vem de fora (KOURY, 2017). A maioria dos assaltos e roubos praticados no bairro é realizada por pessoas de outras localidades, pois a “lei” dos meninos do Bonde B é não praticar delitos dentro do bairro e respeitar a comunidade, quem desobedece é punido. Em relação às punições, um dos jovens me diz; *É melhor apanhar da polícia do que da gente!* Recentemente houve um homicídio de um jovem morador do bairro, de acordo com alguns interlocutores, ele teria sido executado por ter praticado diversos roubos na vizinhança, ou seja, tem que andar segundo as regras do Bonde, regras estas que ditam o comportamento e ações dos moradores.

Imagem 2 – Pessoas se aglomeram para ver o corpo de um jovem que foi assassinado em frente à sua casa



Fonte: Bayeux Jovem (2020)

Os jovens traficantes passam o dia em um lugar estratégico, próximo de mangues e com pouca visibilidade, caso a polícia faça alguma ronda surpresa, eles adentram no manguezal. Essa estratégia, aliás, é frequentemente utilizada por eles, pois, de acordo com relatos os

policiais não conseguem manter a perseguição no mangue adentro por não terem meios e equipamento necessários, como uma lancha por exemplo.

Ao ver o helicóptero Acauã da Polícia Militar sobrevoando na comunidade, moradores já deduzem que tem alguém da facção escondido no mangue. Algumas mulheres nas ruas não escondem a preocupação, começam a fazer ligações e, logo se percebe que são as mães aflitas procurando saber se os filhos estão em algum lugar seguro até “os homens”¹⁷ irem embora. Neste momento elas se encontram e compartilham das mesmas preocupações, algumas pessoas observam a movimentação delas e começam a comentar sussurrando. Essas mulheres muitas vezes não se conhecem, porém a partir da participação dos filhos no Bonde B, os laços de solidariedade são construídos e fortalecidos ao compartilharem das mesmas aflições, dores e, o mesmo estigma de ter um filho *bandido*.

Em alguns espaços públicos como praças ou clubes, os jovens traficantes não se intimidam em expor suas armas. Inclusive na final da Copa Libertadores da América 2019 na qual o time do Flamengo foi o campeão, um deles que era torcedor, ao passar na rua em que eu me encontrava conversando com algumas mulheres, sacou a arma e fez vários disparos para o alto comemorando a vitória. Fiquei apavorada, porém, tentei em vão transmitir tranquilidade, já que as mulheres em momento algum demonstraram surpresa ou medo, ao invés disso, elas sorriam diante de sua demonstração de poder.

São situações como estas em que, através das práticas dos integrantes do Bonde foi possível observar a percepção que a comunidade tem do grupo. Nesse caso, fica claro que é o território da facção, onde eles detêm o controle. Nem mesmo as crianças demonstraram medo diante do ocorrido, elas corriam pela rua e gritavam o nome do jovem como se tivesse acabado de passar por ali um super herói. Desse modo percebemos ser este um dos referenciais que, possivelmente será construído dentro da realidade de vida destas crianças.

Certo dia, ao me aventurar por ruas e vielas a convite da missionária para fazer visitas¹⁸, eu percebi o enorme labirinto que é a parte da comunidade controlada pelo Bonde B. São becos estreitos, como também ladeiras e morros sem a menor infraestrutura, algumas ruas sem calçamentos ou saneamento básico. Crianças brincando descalças enquanto animais competem o espaço com elas, encontramos desde cachorro, bodes, cabras, cavalos e vacas transitando pelas vielas. Em cada esquina encontramos alguém do Bonde B com o olhar atento sobre quem

¹⁷ Os policiais são chamados pelo grupo e seus familiares de “os homens”, independente de haver mulheres ou não nas viaturas policiais.

¹⁸ Nestas visitas a missionária busca fortalecer a relação entre ‘líder e liderados’. Ela visita também as “ovelhas afastadas”, fazendo o convite para que possam ir aos cultos semanais.

se aproxima, geralmente são educados, nos cumprimentam e tratam a missionária como mãe fulana que, sempre pergunta como eles estão e como vai a família. Como se pôde ver, o laço afetivo entre a missionária e os jovens traficantes a coloca no lugar da mãe.

Ao chegarmos a uma das muitas casas que visitamos, uma mulher pede que entremos no quarto de sua filha. Ela está deitada, havia tido alta hospitalar há poucos dias, de acordo com a mãe, ela foi vítima de violência doméstica, passou por cirurgia devido ao grau de espancamento que sofrera. Ao entrarmos observei que a mulher estava muito debilitada, porém, demonstrou alegria ao ver a missionária e pede que oremos por sua saúde, ao terminarmos de orar a missionária me diz que, Deus a livrou da morte e que o marido foi expulso do bairro pelos meninos do Bonde. É preciso ressaltar que, além do tráfico os jovens buscam manter a ordem na comunidade, uma vez que o espaço que apresenta relativa tranquilidade tende a resultar em poucas rondas policiais.

De acordo com Cunha (2015), é importante a observação do cotidiano dos pesquisados, pois, além de percebermos a dinâmica da vida social dos mesmos, observamos as “probabilidades de ação” necessárias para a compreensão das relações dos atores, nesse sentido, convém ressaltar que, apesar do contexto de violência urbana fazer parte da rotina dos moradores, é possível verificar o nível de segurança vivenciado por eles a partir das regras estabelecidas pelo Bonde. Ao fazer essa visita pela primeira vez, a missionária me diz que não devo ter medo de andar em meio aos “meninos armados”, pois, estarei em um dos lugares mais seguros do bairro, ela revela que; *aqui ninguém mexe com você, todos têm que respeitar a ordem*”.

O que parecia ser natural à missionária, para mim estas visitas apresentaram algo que até então eu não havia percebido; a rotina dos jovens traficantes e seus relacionamentos familiares. Ao passar por uma das casas observo um jovem que é temido pela comunidade, ouço sua mãe repreendê-lo por deixar uma toalha molhada na cama, rapidamente ele sai de dentro da casa com a toalha, indo estendê-la na varanda. Neste caso o *ethos guerreiro*, que impõe medo a muitas pessoas é deixado de lado para que outro papel social seja desempenhado por ele, o de filho. Apesar de ter ouvido vários relatos violentos a seu respeito, nesse momento o vejo como um simples adolescente e não como o traficante perigoso descrito por tantas pessoas.

Mais adiante em outra casa soubemos que existe outro jovem que faz parte do grupo e voltou do hospital há poucos dias, ele foi torturado por integrantes de uma facção rival, sua mãe nos pede que oremos por ele. Enquanto ela nos relata sobre o ‘motivo’ da tortura, logo me

registro de outra narrativa de um dos integrantes do Bonde em relação às torturas que não apenas eles, mas, qualquer um que desobedece as regras está sujeito a sofrer:

Vou dizer uma coisa pra senhora, é melhor levar dez surras dos “home” (policiais), do que levar uma surra da gente! Se sobreviver vai passar mais de mês no Trauma (Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena). A gente só tortura se a pessoa vacilar, nego vacila vai pro pau! (Camilo).

Em várias situações que acontecem dentro da comunidade, os líderes do Bonde são chamados para intervir. Sejam quais forem as situações, desde conflitos familiares como visto anteriormente, ou a quebra de alguma regra instituída por eles, os moradores acionam o Bonde, pois, sabem que a situação será resolvida, ainda que por meio de violência. É instaurada por eles uma justiça informal legitimada a partir de certa confiança que depositam no grupo, acreditando ser este o modo mais rápido e eficaz da resolução dos conflitos. O assistencialismo também foi verificado dentre suas ações, principalmente durante a pandemia causada pela Covid-19, os jovens traficantes organizaram algumas cestas básicas para doarem aos moradores que estavam desempregados, com isso os laços entre o grupo e a comunidade são fortalecidos.

Certo dia, ao entrar em um comércio na comunidade, eu encontro uma idosa que está aguardando ser atendida no setor de frios do supermercado. Noto suas sandálias cortadas como se o corte tivesse sido na proporção ideal de seus pés, fico intrigada e, logo ela mesma satisfaz minha curiosidade:

Eu moro longe daqui, mas gosto da carne desse mercado. Minha sandália ‘torou’ e um dos meninos que ficam lá naquele lugar que a senhora sabe né? Eu passo por lá pra vir, então o menino ‘tava’ com uma faca na cintura e viu quando joguei a sandália fora e fiquei descalça. Então ele me chamou e disse: vó a senhora não vai ficar descalça não, tome a minha que eu vou cortar pra dá na senhora. Ele cortou a sandália dele do tamanho do meu pé e me deu. Os meninos não são ruins não, é só saber tratar eles bem, eu não quis que ele fizesse isso, mas ele me disse que depois comprava outra pra ele. (Dona Maria).

Nesse caso observa-se que, para além da imagem do traficante matador e temido, existe também o indivíduo que demonstra o cuidado com o outro. Cabe ressaltar que este “outro” dentro da própria comunidade, estará sujeito a certa seletividade instituída por eles, na qual crianças, idosos e mulheres serão percebidos pelo grupo como indivíduos que necessitam de cuidado e proteção sempre que julgarem necessário. Esses sujeitos são jovens que, passam a decidir e controlar vidas adultas a partir do poder de justificação que o crime lhes dá. Em sua obra Carolina Christoph Grillo (2013) faz uma análise sobre a justiça do crime e sua dominação ilegítima na favela a partir do recurso da violência:

A justiça dos criminosos me parece um bom lugar de análise para refletir sobre os pontos de contato entre o autoritarismo arbitrário e a produção de coletividade, dentro desta ordem. A alta frequência do recurso à violência é um indicador de ilegitimidade da dominação do tráfico sobre a favela e de uns sobre outros no interior da estrutura hierárquica da firma. Não obstante, a facção – enquanto um “ente” coletivo ideal – ratifica a autenticidade do poder dos donos de morro, ao mesmo tempo em que estabelece uma ética peculiar ao crime e fornece a linguagem em que os conflitos devem ser formulados (GRILLO, 2013, p. 109).

Nessa dinâmica social existente dentro da comunidade, torna-se evidente a ideia de pertencimento dos moradores e, nesse sentido a coletividade surge como fator determinante para que as regras impostas pelo Bonde sejam compreendidas como normas que precisam ser respeitadas, a fim de que haja certa pacificação. Face ao exposto os relatos evidenciam a percepção que alguns moradores apresentaram em relação à segurança e, como as instituições públicas responsáveis por mantê-la parecem ineficientes em cumprir esta função, deste modo o grupo passa a ocupar este espaço.

Esse direito informal que é instaurado dentro da comunidade passa a ser “respeitado” por moradores que veem como um tipo de julgamento moral mais eficaz que as sanções jurídicas legais. Embora os mesmos muitas vezes percam com isso o direito da tomada de decisão em seu próprio espaço privado. Segundo Grillo (2013), a solução para os conflitos deflagrados pode vir acompanhada de violência em que o tráfico será a instância reguladora. Ela utiliza a categoria desenrolo que são: “disputas de diferentes naturezas que desencadeiam processos coletivos de mediação das mesmas” (GRILLO, 2013, p. 104).

Foi possível observar a dinâmica organizacional do grupo, a partir de um estatuto interno. A facção da qual o grupo faz parte, de acordo com interlocutores realiza um cadastramento de seus membros, em que é exigido o CPF, endereço e dados dos familiares, podemos compreender nesta dinâmica o sentido do termo *Crime Organizado*. A companheira de um deles relata que ele chegou em casa aflito pedindo que ela procurasse seus documentos para fazer o cadastro na “firma”. À medida que essas formas de organização coletiva se fortalecem fazer parte da facção terá um sentido mais amplo do que simplesmente um emprego formal. O “filiado” terá direitos, por exemplo, à proteção, medicamentos e, alimentos em tempos difíceis como agora no período da pandemia da Covi-19.

Assim como eles têm direito, também têm deveres, isso implica na fidelidade à facção que é um dos principais; a obediência a hierarquia e o respeito à família do *parceiro*¹⁹ são

¹⁹ O termo nativo *parceiro* é o modo utilizado por eles como forma de tratamento tendo o mesmo significado de irmão, aquele que está do mesmo lado na guerra. Dificilmente utilizam os próprios nomes e sim esse termo ou um codinome que recebem assim que passam a fazer parte do grupo.

normas importantes dentro do grupo. Em fevereiro de 2020 um dos jovens traficantes foi expulso do bairro com a família, por transgredir uma regra do Bonde. De acordo com uma interlocutora, a mãe do jovem pediu a liderança do grupo que não executasse seu filho. Como resposta ordenaram que deixassem a comunidade, e assim, a vida de seu filho seria preservada. A mudança foi feita com a ajuda de membros de outra igreja evangélica que até aquele momento estava ligada à igreja da Missionária.

A rotina de atividades do grupo possui uma logística semelhante a de um comércio qualquer, com horários (não divulgados) que estabelecem o início e fim de suas ações diárias. Convém ressaltar que, mesmo eles se percebendo como bandidos²⁰ também se autodenominam como trabalhadores que estão apenas provendo o sustento da família ainda que seja através do crime. Essa afirmação foi muito ouvida por mim em conversas com o grupo. Enquanto isso, outros afirmam que a “fama” os atraiu para o tráfico, ou seja, a vida de glamourização do traficante que eles imaginavam encontrar foi um fator importante para a entrada deles no crime, o que logo descobriram não existir, pois a realidade ao entrar seria diferente da vida que eles esperavam.

Suas companheiras me relataram que muitas vezes eles fazem “extra” na madrugada, embora elas não tenham acesso aos horários, ainda sim elas afirmam que estes podem sofrer mudanças dependendo de diversos fatores como, perseguição policial, a baixa de algum parceiro (por ter sido preso ou assassinado), como também a tentativa de invasão do território pela facção inimiga, fazendo com que eles precisem ficar durante o dia e a noite vigiando a boca, e assim fazendo rodízio de sentinelas.

Desse modo, nota-se a percepção que eles têm em relação à atividade e responsabilidades compartilhadas. Essas relações poderão ser permeadas por possíveis disputas, inveja e rivalidades. Neste sentido, a busca por um objetivo comum ainda continuará a ser a principal prioridade, no entanto a partir do momento em que as disputas entre eles se tornam evidenciadas o sucesso individual determinará a permanência ou não deles dentro do grupo, bem como seu lugar na hierarquia. Existe a necessidade da demonstração de poder, como destaca o pensamento de Silva:

Demonstrar ser o tal, o maior sintetiza a força do pensamento do narrador. O autocentramento e a procura de olhos e espelhos (os amigos da gangue) para

²⁰ Utilizaremos a categoria bandido apresentada por César Pinheiro Teixeira, segundo ele “Nesse sentido, a categoria bandido articula dinâmicas de criminalização e de violência – o que geralmente aparece sintetizado na expressão criminalidade violenta” (TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De “Corações de Pedra” a “Corações de Carne”: Algumas Considerações sobre a Conversão de “Bandidos” a Igrejas Evangélicas Pentecostais. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 449-478, 2011).

a sua performance, são aqui evidentes. *Ter autonomia e ser o maioral* são valores fundados no valor do exibicionismo (SILVA, 2004, p. 63, grifo nosso).

Muitas vezes a baixa de um deles seja por assassinato ou prisão, ocasionará em uma mudança hierárquica que poderá provocar divisões dentro do grupo.

O patrão agora só confia em X, por que Y que era o segundo no comando não 'tava' fazendo o serviço direito, então agora é X quem tá mandando em nós. Y tá todo desconfiado e não tá gostando da mudança, mas ele vacilou na ordem, então agora vai ter que engolir X, e eles dois eram parceiros de verdade, mas agora um mal fala com o outro (Andrez).

Como foi dito anteriormente a atividade do grupo é permeada por disputas, tensões e uma luta diária pela preservação da própria vida. A sociabilidade entre eles é dinâmica, sofrendo constantes transformações, que podem ser ocasionadas por interesses em comum, bem como individuais. É comum a queixa de algumas companheiras em relação a estas mudanças de função, pois, implicará em ajustes no orçamento familiar, surgindo algumas vezes, disputas entre elas, em relação ao consumo, como por exemplo, roupas, alimentos, e bronzamento artificial.

1.2 APROXIMAÇÕES DOS TRAFICANTES COM A IGREJA LOCAL

Alguns princípios trazem valores que representam determinados grupos. Em se tratando de princípios cristãos estes carregam intrinsecamente o elemento fé, que Sanchis (2002) irá denominar de “crer”. Neste sentido de acordo com o autor, estes estarão relacionados à subjetividade do sujeito e não especificamente à área da razão

A "religião" não constrói o seu domínio fundamentalmente com ideias. O "crer" tende a se opor à "religião nos limites da razão". Não se argumenta neste diálogo com o jogo contrastado de conceitos. A convicção não obedece às leis de uma lógica estritamente "racional". O crer não se confunde com o saber. E esta distinção pode revestir-se de duas dimensões opostas (SANCHIS, 2002, p. 14).

Através das conversas informais, foi possível perceber que o elemento fé, ou seja, o crer possui importante representação para o grupo. Se adentrarmos no campo da racionalidade para compreendermos a relação do jovem traficante com o sagrado, teremos inúmeras obras acerca do tema. Porém, ao indagarmos aos pesquisados qual sua relação com a religião, mais especificamente com a fé cristã, as respostas variaram entre; proteção, único caminho, fé verdadeira e único modo de encontrar paz, diante da vida que passam a ter quando, ingressam na criminalidade.

De acordo com Corrêa (2015), apesar de existir uma moral irredutível permeada entre os mundos do tráfico e da igreja, sempre existiu uma relação de amizade e convivência entre ambos. A comunidade em questão é rodeada de igrejas, porém a frequentada pelo Bonde e liderada pela missionária, ligada ao movimento pentecostal²¹. Reconhecida por acolher os jovens traficantes que geralmente não são bem recebidos pelas grandes igrejas localizadas nas principais áreas do bairro, a “igreja da missionaria” como é conhecida, está localizada na área dominada pelo Bonde B. Segundo Teixeira (2011) tanto as igrejas pentecostais quanto o problema da violência tendem a crescer nas áreas mais pobres das cidades e, o proselitismo exercido pelo pentecostalismo aproxima a igreja do tráfico:

Mafra (1998), por exemplo, ressalta que os pentecostais dão respostas de caráter espiritual ao problema da violência, de modo que não criam uma oposição direta em relação ao tráfico, ou melhor, não criam um movimento de afastamento dos “crentes” em relação aos “bandidos” – mesmo que os primeiros vejam os segundos como parte do “exército do Demônio”. Ao contrário, o caráter proselitista do pentecostalismo produz uma aproximação bastante significativa entre esses dois grupos – embora esse acercamento seja sempre realizado de maneira cuidadosa pelos fiéis pentecostais, pois estes geralmente temem uma “poluição moral” quando estabelecem tais contatos (TEIXEIRA, 2011, p. 449).

A aproximação de dois grupos que *a priori* costumam ser vistos como antagônicos é possível principalmente como exposto por Teixeira (2011). Através da função espiritual da igreja em resposta ao problema da violência, seja através do trabalho de evangelismo ou assistencialismo junto aos familiares dos traficantes, esta passa a ter um significado importante perante o grupo. Alguns costumam frequentar mais os cultos depois de sofrer alguma tentativa de assassinato. A missionária os convida a irem até o altar e pede que todos fiquem de pé para orar em favor deles.

A relação da missionária com o grupo tem seu momento mais importante a partir da entrada de seu filho no Bonde B. Ele foi integrante da facção por um tempo, logo depois parou de traficar, passando a frequentar apenas como consumidor até o dia de sua morte²². A missionária passou a ter acesso a localidades dominadas pela facção onde a polícia tinha dificuldades em adentrar, a partir da confiança estabelecida entre ela e o grupo. É comum as mães chegando à igreja, procurando a missionária para lhe pedir que converse com seu filho, elas sempre chegam com a frase: *ele lhe obedece mais do que a mim que sou a mãe!*. Os jovens

²¹ De acordo com Dias (2018), o termo pentecostal refere-se ao acontecimento descrito no capítulo 2 do livro bíblico Atos dos Apóstolos na Bíblia Sagrada. A partir disso os evangélicos pentecostais, reivindicam essa experiência para si, como prova de santidade e presença de Deus.

²² Ele foi assassinado no início de 2019 aos 26 anos.

se identificam com a forma maternal que a missionária os trata, a partir disso, eles passam agora a ser percebidos pela igreja como ‘filhos espirituais da missionária’ e, não mais bandidos.

As igrejas evangélicas advindas do movimento pentecostal possuem um legado de evangelismo em sua história no Brasil. De acordo com Fajardo (2011) dentre as principais características desse movimento estão, o batismo no Espírito Santo, cura divina e mensagem escatológica. As Assembleias de Deus são igrejas que possuem várias vertentes dogmáticas, porém, fazem parte de um mesmo grupo pentecostal, com sua identidade construída em realizar missões, ou seja, evangelizar os “perdidos”, dentre eles os traficantes. Outra característica importante é a não ordenação de mulheres ao serviço pastoral. A função de missionária é o único cargo reservado às mulheres, que carrega um sentido de liderança, mesmo assim exige obediência a figura masculina do pastor.

Existem inúmeras reportagens sobre a evangelização de traficantes em várias comunidades espalhadas pelo Brasil, em específico estão em evidência trabalhos de pastores das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro e em São Paulo²³. Convém ressaltar que, nas comunidades pobres dos grandes centros urbanos as igrejas evangélicas têm se tornado um espaço de ajuntamento de fiéis através do resgate de indivíduos que vivem em situações de vulnerabilidade social, em que a violência se faz presente. De acordo com Côrtes (2005) essas igrejas através de sua própria mídia alardeiam a eficácia no combate a violência e criminalidade apresentando relatos transformadores de ex-bandido:

Investindo na salvação religiosa, as igrejas evangélicas, principalmente as derivadas do movimento pentecostal, apostam, portanto, na eficácia de suas intervenções no combate à violência e à criminalidade nas grandes cidades, cujos índices tiveram um significativo recrudescimento em anos recentes no Brasil. Em sua poderosa indústria simbólica de propaganda e marketing e na divulgação intensa e extensa dos seus meios de comunicação (material impresso, jornais e revistas, programas radiofônicos e televisivos), alardeiam os supostos sucessos obtidos na conversão de bandidos, assaltantes, traficantes, homicidas, alguns deles famosos pela visibilidade que ganharam em sua exposição espetacularizada na mídia (CÔRTEZ, 2005, p. 10).

No segmento pentecostal a entrada do criminoso ao universo religioso é vista como grande êxito e sinal do poder de Deus naquele ministério. Esse ex-bandido será percebido por fiéis e até mesmo por seus antigos parceiros do crime como alguém que realmente “nasceu de

²³MARTÍN, Maria. **Nos territórios proibidos do Rio, um pastor caminha entre fuzis e narcos**. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/13/politica/1507846702_121303.html. Acesso em: 20 mar. 2021.

novo”²⁴, ou seja, tudo o que ele viveu anteriormente não terá significância, a partir disso virá o processo de mudança para um novo sujeito, pois a ele é dada uma nova chance de vida. O estigma de ex-bandido que ele carregará será sua identidade social, este passa a apresentá-la em diversos encontros religiosos ao dar o seu testemunho de conversão. O conjunto de delitos praticado por ele como, tráfico, roubo, tortura, etc., servirá como um dos elementos que irá compor o relato sobre sua regeneração.

1.2.1 A igreja como espaço de sociabilidade

A comunidade não possui áreas de lazer voltadas para jovens a não ser uma praça que serve como ponto de encontro à noite, momento em que vários grupos se reúnem expressando os mais variados estilos culturais. Em algumas noites acontecem apresentações de hip hop, ou bailes funk. A praça está localizada entre dois bairros com facções opostas que lutam pelo controle da área, por este motivo os homicídios têm acontecido, uma vez que, diante da aglomeração é difícil identificar os autores, por isso, a polícia costuma fazer ronda e acompanhar de perto a movimentação.

Através de visitas aos cultos, observei a importância da igreja para os jovens como um espaço de socialização e, ao mesmo tempo de aceitação. A cada reunião passei a identificá-los a partir de características próprias do grupo, (tatuagens com símbolo da facção e acessórios que eram compartilhados entre eles). Alguns mais reservados participavam da reunião apenas observando, outros interagiam louvando e fazendo orações, ainda outros não entravam, ficavam em frente à igreja apenas conversando e em alguns momentos observavam a movimentação na rua.

De acordo com Cunha (2015), nas comunidades, em meio à limitação de mobilidade devido à presença de facções opostas em outros bairros e cidades, a igreja, pode vir a ser mais que um espaço reservado apenas para às práticas religiosas, tornando-se um espaço de lazer e cultura, encontro com o belo através de toda uma estética existente em sua estrutura. O acesso a bens culturais se dá através da leitura, peças teatrais, instrumentos musicais que dificilmente estariam presentes na comunidade a não ser através da igreja.

Em um contexto no qual a limitação espacial é imposta pelo perigo da vizinhança com favelas de facções opostas, na qual irrupções de violência não são raridade e os aparelhos urbanos públicos e privados de lazer e cultura são escassos, às igrejas podem ser amplamente acionadas pelos moradores como

²⁴ Termo utilizado por evangélicos ao se referirem às pessoas que decidem “aceitar Jesus”, ou seja, fazer parte do mesmo grupo religioso. Essa expressão é uma referência a citação bíblica: João 3:3: “A isto respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”.

espaços para o desfrute de sociabilidade, para a busca de mobilidade, lazer e cultura (CUNHA, 2015, p. 111).

Aos fins de semana, a igreja apresenta uma programação voltada para faixas etárias específicas. Aos sábados costuma haver uma reunião sob a liderança de um ex integrante do Bonde B. Atualmente ele exerce a função de evangelista, atrai os jovens à igreja através do respeito que eles têm por ele, dando-lhes aulas bíblicas. Agora no papel de ex-traficante relata que sua missão é “resgatar os meninos do crime para Jesus”.

Diversas festas temáticas acontecem aos finais de semana, o culto do dia dos pais, por exemplo, contou com a presença dos integrantes do Bonde que são pais. São promovidas outras atividades de lazer, dentre elas passeios na praia à noite, e acampamentos em que são permitidos banhos de piscinas. Nesses encontros a missionária evidencia a importância da troca de experiências entre as mães. Dessa forma os laços de afetos são fortalecidos, através da similaridade de suas vivências, gerando uma rede de proteção entre elas.

1.2.2 A percepção dos fiéis em relação à presença dos jovens traficantes nos cultos religiosos

A igreja exerce um papel social no bairro, principalmente em áreas mais pobres nas quais o Bonde B comanda. Anualmente é realizada uma festa em comemoração ao dia das crianças nas imediações de controle do grupo. Nessas ocasiões, a casa da missionária fica repleta de pessoas que colaboram nos preparativos, fazendo doações de brinquedos ou contribuições financeiras. Inclusive os jovens traficantes costumam comprar a maioria dos doces que é vendida em prol da festa.

Cabe ressaltar que, outras igrejas evangélicas existentes nas imediações também realizam eventos no dia das crianças. Porém, apenas a igreja da missionária recebe ajuda do grupo para a realização do evento. Christina Vital da Cunha (2015) denominará de “redes poderosas”, ou seja, são redes religiosas formadas por laços construídos através do pertencimento religioso. Eles demonstram alegria ao se perceberem como moradores comuns sem o aparente estigma de bandidos. Neste sentido, a igreja torna-se um espaço simbólico, formador de novas dinâmicas sociais.

A percepção dos fiéis em relação à participação do Bonde B nos cultos, de forma geral transmite a ideia de aceitação. Durante as reuniões eu indaguei sobre isso, e a resposta foi unânime, como se todos estivessem preparados para esse questionamento. Exponho aqui o relato de uma senhora que frequenta a igreja desde sua fundação:

Acho muito bom esses meninos participando dos cultos, Deus se importa com eles (olhos marejados), é difícil para mim falar porque perdi meu filho muito jovem (tossindo e trêmula), agora só restou um. Esses meninos têm o coração bom, o povo não conhece e fica chamando eles de bandido, eles aqui podem ser 'salvo', eu creio em uma obra de Deus nessas vidas. É difícil sair das drogas, mas eu creio que Deus vai salvar um por um e a gente vai cantar o hino da vitória! (Noêmia)

Um senhor que também é frequentador assíduo dos cultos relata como ele percebe os jovens traficantes dentro de um espaço reservado ao sagrado:

Esse trabalho que a missionária faz de resgate com esses meninos é muito importante e Deus se agrada. Tem pessoas que não entende e ficam falando que ela passa a mão na cabeça de bandido! (exaltado), o povo não ajuda e se incomoda com quem quer ajudar a tirar esses meninos das drogas. Eles vindo aqui nos cultos já é uma benção (Nelson)

Na medida em que percebo o senhor com vontade de discursar sobre a situação, pergunto então como é o relacionamento dele com os jovens fora do espaço religioso, ao que ele prontamente me responde:

Eu não tenho amizades com eles, (responde de maneira enfática) e também não podemos nos arriscar, esses meninos têm a vida marcada pra morrer (baixando o tom de voz). É até perigoso fazer uma visita na casa de um deles, mas a gente obedece a Deus e vai sim, só que não pode demorar, por que se chegar alguém pra matar eles, você morre junto como queima de arquivo entendeu? E também quando você começa a andar com eles todo mundo vai dizer que você agora tem amizade com traficante, por isso eu encontro na rua cumprimento, se pedir pra orar eu oro sim, mas a amizade eu não tenho não.

Esse sempre foi o argumento apresentado pela maioria dos fiéis. De acordo com Cunha (2015), existe a ideia de que, não tendo sua imagem associada ao do traficante, não serão percebidos como bandidos, ou no caso aqui relatado, como amigo de bandido. A autora se refere ao esforço constante de limpeza moral ou simbólica. Uma vez que, dentro da igreja é admissível estar ao lado do traficante, fora deste espaço existirá o cuidado com a reputação que implica uma aproximação cuidadosa diante dos olhares dos demais moradores.

Observei também a rotina religiosa de ex-trafficantes que agora são obreiros da igreja e se empenham em evangelizar os jovens traficantes. Este novo sujeito é respeitado pelo grupo, sua presença é vista por eles como um exemplo, ele inclusive tem livre acesso ao local de trabalho deles sempre que a missionária precisa avisá-los que irá passar por lá para algum serviço da igreja.

Existe na igreja um núcleo familiar composto por um casal de ex-trafficantes, tanto a mulher como o homem foram traficantes por anos, a esposa inclusive tem um problema físico

em uma das pernas ocasionado por tiros. Ela passou dois anos em um presídio feminino do estado, seus filhos residem com a avó materna. Ao sair do presídio ela decidiu mudar de vida e “aceitou Jesus”, juntamente com seu esposo. Ele já foi integrante do Bonde B, também evangeliza o grupo e segundo ele é “considerado”²⁵ pelos jovens.

De acordo com Teixeira (2011) o bandido seria uma representação social construída a partir de “uma base identitária, no uso de arma de fogo e disposição para matar. Violência, crime e drogas parecem fundir-se e constituir o solo sobre o qual se erige a representação social acerca do “bandido” (TEIXEIRA, 2011). Por outro lado o ex bandido nesse caso seria um sujeito transformado através de rituais e profecias, que é o processo de conversão em que o sujeito irá assimilar novas técnicas corporais, linguagens e modos de vestir-se similares do grupo ao qual agora encontra-se inserido. Teixeira (2011) aponta para a conversão enquanto instrumento de construção da categoria “ex bandido”. Ainda que alguns venham a utilizar esse instrumento como questão de proteção, passam a fazer parte de uma nova configuração social

Como exposto anteriormente, os de dentro da igreja demonstram aceitação do grupo e percebem a presença dos jovens traficantes como algo necessário para que a “missão de salvação” seja realizada, ainda que, fora desse espaço evitem ser associados com eles, dentro procuram recebê-los com simpatia e abraços. Algumas mães desses jovens frequentam a igreja e também participam desse processo de “salvá-los” do mal, e com isto contribuem para que eles possam ingressar para a categoria de ex-bandido. Foi observado que, as mães ouvidas na pesquisa, que frequentavam a igreja possuíam a mesma narrativa de “resgatar o filho do tráfico através da fé”.

1.3 DANIEL O TRAFICANTE QUE SE TORNOU PRESBÍTERO

Como foi visto anteriormente o ex-bandido terá agora uma missão de buscar os “perdidos”. Neste caso os antigos companheiros do grupo, uma vez que ele foi resgatado e passou por uma conversão, sendo construídos novos processos de subjetivação, este também passa a ser percebido por seus antigos companheiros como alguém que possui agora certa superioridade, que alcançou um nível mais alto de relação com o sobrenatural. Segundo um dos jovens traficantes, o líder fica feliz por “perder” um de seus liderados para Jesus.

A questão da religiosidade apresenta ser um dos fatores que levam o líder do tráfico a apresentar benevolência com seus liderados. Ao anunciar o desejo de sair do tráfico utilizando como alternativa tornar-se um religioso, o integrante do grupo, poderá receber o perdão de

²⁵ O mesmo que ‘respeitado’.

dívidas, como também a promessa de ter sua família preservada de qualquer retaliação futura. A condição para receber “os benefícios” será sua permanência na igreja, ou seja, esse tipo de monitoramento demonstra que o controle em relação a vida desse sujeito ainda continuará.

Um ex-traficante que me chamou a atenção foi *Daniel*, ele tem 31 anos é paraplégico devido a uma tentativa de assassinato que sofreu aos 17 anos. Sua esposa trabalha como cabeleireira, ela tem um filho de 7 anos de um relacionamento anterior que, *Daniel* acolheu desde que ele tinha 1 ano de idade. Ele relata que começou a praticar pequenos furtos em mercadinhos da região aos 9 anos e aos 13 já traficava para o cunhado, que na época era um traficante muito conhecido na região. Hoje ele exerce o cargo de presbítero²⁶ em uma igreja evangélica na comunidade. Segue seu relato:

Minha irmã foi esposa de um traficante muito conhecido e com isso eu comecei a traficar porque ganhava dinheiro e achava bonito. Eu queria ser como meus irmãos que traficavam pro meu cunhado. Comecei a vender as pedras por acaso. Um dia um dos traficantes que era irmão do meu cunhado me pediu pra dá uma olhada nas pedras enquanto ele resolvia uma situação e, quando ele voltou, eu já tinha vendido tudo, passei todo o dinheiro que eu apurei. Essa é uma estratégia que eles usam pra saber se a pessoa dará lucro ou não. Eu vendia cerca de 250 pedras por dia e ganhava 50 reais pela venda, o problema foi que logo me tornei um viciado, o dinheiro já não dava pra pagar o meu consumo, então passei a roubar cargas de carros que iam abastecer os mercados na comunidade, com isso eu passei a ganhar um dinheiro extra.

Eu passava o dia todo fora de casa nesse tempo e, aos 17 anos passei pela pior época da minha vida. Fui expulso do tráfico por causa das dívidas e passei a pedir a um e a outro dinheiro. Quando não me davam, eu roubava. Foi assim até quando tentaram me matar. Um dia eu passava de bicicleta com umas pedras de crack que tinha ido comprar porque aqui na comunidade não tinha e, eu não traficava, mas consumia. Foi quando uns boys atiraram em mim pelas minhas costas. Eu estava com as pedras na boca, mas aí eu cuspi no caso de ser revistado pela polícia. Quando caí fiquei agonizando e sem sentir as minhas pernas. Fiquei no Hospital de Traumas custodiado por 15 dias, depois que voltei não conseguia mais andar. Então, foi muito difícil passar por isso, foi uma mudança total de vida.

Quando eu estava com 18 anos piorei. Então tive que voltar no hospital e colocar uma sonda, é uma cirurgia chamada cistotomia que introduz uma sonda na bexiga, já que você quando perde os movimentos das pernas fica sem controlar a bexiga.. Nesse tempo em que fiquei no hospital, meu irmão foi assassinado. Esse foi o pior momento em minha vida, porque não pude me despedir do meu irmão, quando ele foi enterrado eu estava no hospital, nem no velório pude ir. A minha mãe ficou com depressão nesse período, com um filho morto e outro no hospital sem poder andar. Isso tudo foi muita coisa na cabeça dela, ela também parecia se manifestar. Foi quando um pastor veio em casa e disse que ela precisava fazer uma corrente de libertação. Eu só

²⁶ Função de auxiliar do pastor.

comecei a frequentar a igreja por causa da minha mãe. Acredito que tudo foi e é propósito de Deus, os tiros, a doença de minha mãe, tudo isso foi plano de Deus na minha vida.

Hoje sou mais feliz na cadeira de rodas, servindo a Deus, do que livre dela, mas preso espiritualmente. Conheci minha esposa depois que fiquei cadeirante e estamos juntos até hoje.

Os meninos que vivem no tráfico, eles vivem uma ilusão de fama, dinheiro e mulher que não existe. Eles têm chance de recuperação, sim. Acontece que só alguns conseguem oportunidade de emprego e a pobreza faz com que você entre mesmo no tráfico. Você vai buscar uma vida melhor, só que é ilusão. Eu achava o máximo morrer no tráfico! Só que hoje muitos sabem que se morrer no tráfico vão pro inferno. Hoje eu ajudo meu pastor em cultos de evangelismo na localidade das bocas de tráfico. Tenho um sobrinho que é como um filho, ele me ajuda a me locomover em todos os lugares.

Se eu pudesse apagaria da minha mente esse tempo no tráfico, mas eu aprendi que foi propósito de Deus eu entrar no tráfico e ter levados esses tiros, pois se não fosse isso eu não me renderia aos pés do Senhor!

De acordo com Côrtes (2015), a particularidade da experiência religiosa é definida justamente por sua composição tensa, a partir de posições de luta, identidades disputadas, ou seja, a experiência do “convertido” é também uma negociação de sentidos, de novas identidades.

Ainda seguindo a linha teórica da autora, em relação à carreira de ex bandido, os convertidos se apoiavam no discurso da vitimização sem apresentarem culpa por crimes cometidos, nem responsabilizavam a desigualdade social ou qualquer outro fator que os levassem a cometer tais crimes, ao invés disso, levavam para a esfera do campo do sobrenatural, ou seja, o diabo seria o responsável por seus erros anteriores a conversão. No relato de Daniel, ele não se exime de atos anteriores a sua conversão, porém afirma ter sido permissão de Deus para que acontecesse uma transformação em sua vida. Outros atores que vivenciaram a mesma experiência de “aceitar Jesus” foram procurados a fim de que, relatassem quais mudanças ocorreram quando passam a fazer parte da categoria *ex bandido*, porém não quiseram participar da pesquisa²⁷.

As narrativas dentro da igreja assumem o discurso do sobrenatural, uma vez que os jovens traficantes estão ainda *aprisionados* pelo diabo, eles cometem crimes inconscientes do mal que causam, pois, precisam de *libertação*. O processo de libertação promoverá uma

²⁷Algumas tentativas de diálogo com outro ex bandido conhecido por Clécio, não tiveram sucesso, ele se recusou a me ceder seu depoimento. De acordo com interlocutores ao deixar o grupo prometeu que não mais falaria a respeito de seu passado.

mudança de valores e comportamento. Nesse sentido, a transformação parte do campo da subjetivação e assume ações que promovem um novo sujeito, com uma nova consciência. Nesse sentido o sujeito que alcança a “libertação”, apropria-se de um discurso moral em que este não sabia o que fazia, antes de ser “liberto”. Werneck (2013) chama de “dispositivo de respostas a julgamentos morais”,

Pois bem, justificação e desculpa. Esses dois dispositivos linguageiros¹² são antes de tudo dispositivos de resposta a julgamentos morais, surgem diante de críticas e/ou acusações. E se, como disse antes, toda crítica ou acusação é uma afirmação de agência mal usada, uma sugestão de que o outro tinha controle sobre o que estava acontecendo, as respostas a elas operam de forma reativa justamente a essa afirmação. Se não, vejamos: segundo Scott e Lyman, justificações são accounts em que “alguém aceita a responsabilidade pelo ato em questão, mas renega a qualificação pejorativa associada a tal ato” (2008 [1968], p. 141); desculpas, por sua vez, aqueles accounts em que “alguém admite que o ato em questão seja ruim, errado ou inapropriado, mas nega ter plena responsabilidade sobre ele” (2008 [1968], p. 141). Assim, na justificação, o ator diz: eu sabia exatamente o que estava fazendo, eu era o actante de actância efetiva, e justamente por isso o que eu fiz estava certo; na desculpa, ele diz: o que fiz foi errado, mas eu não sabia o que estava fazendo, não tive actância efetiva, porque outra coisa/pessoa a teve e, por isso, foi mais forte que eu para determinar o desenrolar da situação (WERNECK, 2013, p. 709).

A religião enquanto agente de moralidade parece provocar diversas ações e sentidos entre os integrantes do Bonde B. Durante o período da pesquisa de campo conversei com aproximadamente cinquenta jovens, destes apenas dois não se identificaram com a religião cristã, um disse ser satanista, o outro umbandista. Os jovens traficantes demonstram certo respeito por líderes espirituais evangélicos, o que contribui para o fortalecimento dos laços entre a igreja e familiares. As mães aproveitam essa aceitação para convidar pastores e missionárias que realizam nas residências reuniões com o objetivo de “libertar os filhos”.

Cabe frisar que durante a guerra entre as facções quem mais perde é a comunidade, pois, o direito de ir e vir são automaticamente suspensos. Quem é residente de uma comunidade comandada por determinada facção não pode se deslocar para outra, por essa “pertencer” a facção rival. Até mesmo uma simples ida ao mercado público pode ser perigosa, visto que o mercado fica em uma área de domínio da facção rival do Bonde. Desse modo, a delimitação de territórios atinge até mesmo quem não faz parte da guerra. Um jovem foi assassinado no mês de agosto próximo ao mercado por morar em território comandado pelo Bonde, de acordo com a mãe, ele não pertencia a nenhuma facção. Portanto, além da suspensão do direito de ir e vir, a comunidade sofre com o aumento da violência que já é uma constante.

Entre agosto e outubro de 2020 três jovens foram assassinados na comunidade, todos ligados direta ou indiretamente com o tráfico. Os homicídios ocorreram de forma similar, sempre à noite no horário em que poucas pessoas circulam nas ruas. De acordo com moradores, as pessoas ao ouvirem os tiros saíram de suas casas para observar o ocorrido, agindo ao contrário do que se espera nessas situações. Estive presente em dois desses acontecimentos de modo que, foi possível observar toda a movimentação, a chegada da polícia, até a remoção do corpo feita por funcionários do Instituto Médico Legal (IML).

Imagem 3 – Jovem assassinado na comunidade, observa-se o detalhe da tatuagem em sua mão direita; a risada do palhaço



Fonte: Arquivo de um interlocutor²⁸ (2020)

Os momentos que seguem depois do homicídio são tensos, com aglomeração de pessoas. Os *parceiros* logo começam a chegar, mas ficam de longe observando. Ao se aproximar a viatura da polícia eles logo se retiram. Geralmente a missionária ao saber dos homicídios imediatamente vai ao local para verificar se é algum de seus “filhos espirituais”, e prestar apoio à família. Muitas pessoas chegam para ver o corpo e outras não se contentam em apenas ver, querem fotografar, elas já veem correndo com o celular em punho, a maioria está sem máscaras e leva crianças de colo. Nos três casos de homicídios, a mãe era a quem sempre chegava ao local aos prantos, amparada por alguém para reconhecer o corpo. Não foi observada a presença do pai.

²⁸ É importante ressaltar que, ao divulgar a imagem de um corpo, tivemos o cuidado e a sensibilidade de não exibir o todo. Sabemos a necessidade do cuidado ao trabalhar com a imagem. Em meio a morte midiaticizada, em que as redes sociais atualizam de forma muitas vezes banalizada o fim de uma vida (RIBEIRO, 2016), trazemos esta ao debate por sua relevância, porém, respeitando os limites éticos de sua exposição.

O lugar da mãe nesse momento é algo que nos chama a atenção. Envolve um simbolismo no entrelaçamento entre maternidade e religiosidade. São elaborados discursos entre os presentes, a partir dessa dinâmica em que a morte do filho seria uma ação necessária para que a mãe voltasse a viver com dignidade. Uma morte necessária, uma vida não “reconhecida”. Ao ouvir os discursos em relação à maternidade, foi possível perceber a responsabilidade que é dada à mãe pelo fracasso ou sucesso do filho e, como esses discursos se tornam norteadores de dinâmicas sociais, a partir da representação que a comunidade terá sobre ela.

CAPÍTULO II – “AMOR SÓ DE MÃE”: A RELAÇÃO ENTRE MÃE E FILHO NO UNIVERSO DO TRÁFICO

Uma cena que tem se tornado recorrente nas comunidades é, a de um corpo estendido ao chão na rua e, a mãe aos prantos sobre ele, o que se ouve é quase sempre o mesmo; o jovem

era envolvido com drogas. Para quem convive com essa realidade violenta, a impressão é que a cena apesar de ser com atores diferentes é igual e, não parece causar mais indignação. O fato de vermos uma mulher aos prantos sobre o corpo do filho muitas vezes banhado de sangue, enquanto algumas pessoas no local apontam o celular procurando o melhor ângulo para registrar o momento.

Quando a cena começa a fazer parte do cotidiano da comunidade, surge a expectativa de quem será o próximo. Durante o período em que estive em campo, quando ocorreram os homicídios, os questionamentos entre a vizinhança eram justamente esses. Algumas mães de jovens traficantes demonstravam incômodo ao ouvi-los, diante disso uma ou outra respondia de forma bem ríspida: *Eu já avisei ao meu, se conselho fosse bom ninguém dava, vendia... não quer ouvir então siga sua vida, seu rumo. É um inferno quem tem filho no tráfico, eu fico esperando a notícia; foi preso ou morto!*

É preciso ressaltar que este tipo de acontecimento poderá acionar outras formas de violência, principalmente em relação a mãe. Aquela que se encontra no lugar mais fragilizado naquele momento, pranteando um corpo estendido ao chão em público, é justamente a mais condenada pela morte do filho. Essa mulher passará muitas vezes por violências física e moral, pois, enquanto o filho estava vivo não havia dado educação suficiente para este ser “homem de bem”, agora na morte vemos a condenação pública. Ao caminhar entre a multidão ouvia comentários como: “ela não foi boa mãe, praticamente “matou o filho”“.

São vítimas de violência, que trazem trajetórias de vida semelhantes, ao mesmo tempo em que destoam do modelo socialmente construído de maternidade. O vínculo que une essas mulheres é caracterizado por morte, medo, ousadia e fé.

“Ser mãe é padecer no paraíso” diz o dito popular, a idéia do amor sacrificial, puro, que nos remete ao sagrado, possibilitando um fim pleno para a mulher. Afinal de contas o que é ser mãe? Quais os requisitos construídos que determinarão uma boa mãe? Reflete no sucesso econômico e social do filho ou filha? Não podemos ignorar o recorte de classe, ao tentarmos investigar definições que nos levam a estes questionamentos, visto que a maternidade, possivelmente possibilitará significados e valores diferentes a depender do contexto socioeconômico em que esta mulher encontra-se inserida e como será socialmente percebida.

Diante deste contexto, através de conversas informais elas relataram suas vivências, e como se sentiam inúteis ao presenciarem os filhos no tráfico, no entanto alegando a necessidade do que eles conseguem nesse tipo de trabalho, já que algumas também assumem a responsabilidade com os netos

São mulheres que, remetendo a ideia de ciborgue de Donna Haraway, Hari Kunzru e Tomaz Tadeu (2009), do corpo como uma máquina de alta performance, em que podemos ser construídas e reconstruídas e, nos adaptarmos a qualquer tipo de situação. Nesse sentido, conseguem ampliar o espaço privado, ou seja, o modo doméstico de produção para o espaço público, transformando o cuidado em uma profissão remunerada, em uma jornada de trabalho contínua. O esforço segundo elas seria para tentar impedir a continuação dos filhos no mercado ilegal de drogas.

Nesse caso, a mulher que identificamos muitas vezes se enxerga solitária em meio à outras em uma mesma comunidade. Ela chega a questionar o “nós” enquanto mulher, favelada e com filho traficante:

Eu fico pensando nas minhas vizinhas, tudo pobre feito eu, com filho traficante também, mas, ficam se achando melhor do que eu por que tem um macho de lado e eu sou sozinha. É só eu e Deus, e ficam me criticando o dia todo, elas podiam ir na igreja de vez em quando e orar por seus filhos como eu faço (Francisca, mãe de Elizeu).

Francisca questiona a falta de empatia de suas vizinhas e como essa não identificação com o outro produz discursos que fortalecem a percepção da comunidade em relação à figuras de mães solo com filhos traficantes. Continuando com o pensamento de Haraway, Kunzru e Tadeu (2009) em que ela traz o conceito de “identidades fraturadas” em sua discussão em torno de uma unidade dentro do feminismo, ou seja, são diversos grupos de mulheres dentro do universo feminino com demandas específicas:

Tem-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo – ou até mesmo insistir na utilização desse nome, sob qualquer circunstância. A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. E quem é esse “nós” que é enunciado em minha própria retórica? Quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado “nós” e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade? A existência de uma dolorosa fragmentação entre as feministas (para não dizer “entre as mulheres”), ao longo de cada fissura possível, tem feito com que o conceito de mulher se torne escorregadio: ele acaba funcionando como uma desculpa para a matriz das dominações que as

mulheres exercem umas sobre as outras (HARAWAY; KUNZRU; TADEU, 2009, p. 47).

Até mesmo as mulheres que fazem parte do universo religioso, pertencentes a famílias tradicionais reproduzem o discurso de que a falta de um homem fez com que as mães solo perdessem sua autoridade e respeito dentro do meio social em que vivem. É o que me relata uma interlocutora:

Eu conheço Francisca faz tempo, ela nem tinha Elizeu ainda, mas já vivia no sofrimento com outros filhos, veja bem, a mulher é sozinha, só consegue homem para fazer filhos e ainda não tece o que fazer cria os filhos de Elizeu que não consegue nem sustentar os dele. Ela não um homem que consiga dominar ela. Só Jesus nessa vida. Eu peço a Deus muita sabedoria para suportar meu marido que tem seus defeitos, mas sempre me dá o dinheiro da feira, educa os meninos na disciplina e nenhum é traficante (Cátia, vizinha de Francisca).

Geralmente as mães dos jovens traficantes são mulheres que, deixaram seus filhos em casa ou nas ruas, para cuidar dos filhos de outras mulheres, limpar suas casas e ainda conseguir disposição para continuar com as mesmas atividades em seus próprios lares, ou seja, uma jornada contínua. Algumas relatam o cansaço e desânimo que, muitas vezes impede de saber como foi a rotina de seus filhos, já que a demanda de afazeres parece não ter fim. Ao pedir para que em uma palavra definissem o significado de ser mãe, as três foram unânimes em dizer: **Sofrimento**.

2.1 “AQUELAS É A MÃE!” O ESTIGMA DE SER A MÃE DE UM TRAFICANTE

Diante do relato anterior, podemos afirmar que, ser “boa mãe” terá significados diferentes a partir de diversas perspectivas envoltas em representações como gênero, classe social e religiosidade, pois, o que seria ser boa mãe para a vizinhança que assiste a cena exposta anteriormente? Ou no olhar de um policial que guarda a preservação da cena e assiste o pranteamento dessa mulher diante do corpo ensanguentado de seu filho? O que dizer então de uma líder religiosa que depois de perder seu filho assassinado agora ouve críticas por acolher jovens traficantes? O “ser boa mãe” como é falado dentro da comunidade implicará em diversos fatores que passam por aspectos ideológicos dentro do âmbito da religião, e valores atrelados aos já construídos relacionados à mulher. De volta à cena anterior, ouço algumas pessoas perguntando; “será que é a Correio ou a Arapuan²⁹ que vem? Outras diziam que não era para

²⁹Emissoras de TV locais.

a mãe estar chorando, pois “*era um alívio agora para ela o filho ter morrido, acabou o inferno que ela vivia*”.

Ao ouvir os relatos de mulheres com histórias marcadas pela violência, é necessário observar suas trajetórias de vida. A maioria das interlocutoras possui baixo nível de escolaridade, são as principais responsáveis pelo orçamento doméstico. Exercem a função profissional que remete ao cuidado, como diaristas, e cuidadoras. Apesar de serem responsáveis pela manutenção econômica da família, são mulheres que não deixam de ocupar um lugar de opressão enquanto sujeitos sociais, submetidas a diversos mecanismos de poder existentes na sociedade. De acordo com o relato de uma mãe, ao ver seu filho sendo revistado de forma abusiva por um policial em plena luz do dia, ao questioná-lo ela foi atacada verbalmente por ele, que a chamou de “*uma desocupada que não soube educar o filho*”, disse que ela ficasse calada, pois, do contrário ela seria presa.

É comum essas mulheres serem apontadas sempre que passam nas ruas. Ao participar de um grupo que conversava justamente sobre a morte de um jovem, a mãe ao passar foi identificada para mim: *Olha Janaina aquela é a mãe! Meu Deus como será que está o coração dessa mulher?* No universo dos sentidos é complexo tentar imaginar como é construída a subjetividade desta mulher, que transita assim como seus filhos entre dois mundos; o religioso e o da violência urbana³⁰. Nesse sentido esses mundos parecem se entrelaçar na vivência desses atores. Ressaltando aqui a importância da religião para essas mulheres em momentos de fragilidades como o luto, problemas financeiros e conflitos familiares em que a violência urbana será um dos principais gatilhos dessas situações.

Ao adentrar no universo religioso da periferia é possível observar que este é construído por: relações de poder, dominação e subjetivações. Enquanto a religião se torna um instrumento de libertação poderá também ser um instrumento de opressão dessas subjetividades. O machismo presente no nosso cotidiano é refletido ainda nas práticas religiosas. Desta forma, a falta de um pai é sempre apontada por fiéis em sua maioria mulheres, como o principal fator da entrada dos jovens no crime.

Desse modo os relatos de algumas mães são indicadores dessa dominação patriarcal histórica. Apesar de se reconhecer como única responsável por suas famílias, elas ainda se enxergam inferiores na capacidade de administrá-las. Nesse sentido alegam que, se estivessem com os pais de seus filhos a situação seria outra, ou seja, o filho não estaria hoje no tráfico,

³⁰ Utilizamos o conceito de violência urbana, por ser amplamente discutido por autores (as) que pesquisam a questão da violência no meio urbano que englobam jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social, ver (ADORNO, 1998; SILVA, 2004; SOARES; MISSE, 2010; TEIXEIRA, 2011; ZALUAR, 2008).

morto ou em um presídio. Segundo elas a presença de um pai seria capaz de ‘educar melhor um filho’, uma vez que associam a figura paterna com a que representa autoridade em uma família.

As mães que perderam os filhos relataram a discriminação que passam também por agentes públicos, em postos de saúde, como também em delegacias por alguns policiais. O fato de buscar auxílio quando necessário às obrigava a ouvir comentários depreciativos em relação à morte do filho, o que segundo elas trazia grande sofrimento, como se estivesse sepultando pela segunda vez. Farias e Viana (2011) aborda a questão da violência institucional sofrida por quem perdeu o filho assassinado por agentes públicos, em que o gênero é um fator condicionante na construção desse tipo de violência, ou seja, a simbologia da maternidade e o direito de exercê-la:

Ao denunciar que os jovens mortos assim o foram por serem pobres, moradores de periferias ou favelas e negros em sua imensa maioria, e que por isso ficaram expostos não apenas aos riscos concretos que acabaram matando-os, mas também ao desinteresse em apurar as condições de sua morte, as mães e demais integrantes da Rede falam de processos cruéis de produção de corpos e vidas dispensáveis. O enquadramento burocrático da maior parte dessas mortes como “auto de resistência” – figura classificatória que os relega à morte em massa e pré-justificada da guerra¹⁵ – precisa, dessa forma, ser combatido tanto em relação à singularidade dos corpos em si, trabalho que é feito construindo biografias afetivas e morais para eles, quanto aos próprios territórios. Se a individualização dos mortos procura de certo modo marcar que, independente de estarem em um território de “margem”¹⁶, recoberto de suspeitas a priori, eles não se enquadram nessas imagens dominantes e não poderiam ser atingidos pelas mesmas práticas de combate que vitimaria os “outros” (“traficantes” e “bandidos”), a requalificação dos próprios territórios precisa ser feita para que a ação em si de combate seja denunciada como vil e injusta. “Entram atirando”, “fazem cavalo de tróia”¹⁷, “não querem saber se tem criança na rua” e outras expressões como essas procuram mostrar que a ação em si da polícia é que seria poluente do território, por torná-lo peculiarmente violento e perigoso, a partir do desprezo pela vida comum de todos que o habitariam. Mostrar, assim, não apenas que as vítimas atingidas não deveriam tê-lo sido – por serem “trabalhadores”, “estudantes” ou simplesmente crianças – mas que o modo de fazer essa guerra é perverso e injustificado tornam-se as duas faces da mesma moeda, pautando as atuações políticas dos familiares (FARIAS; VIANA, 2011, p. 96-97).

Os jovens traficantes assassinados são identificados como “corpos e vidas dispensáveis”, ao ouvir os comentários na vizinhança é possível perceber como a fofoca³¹ passa a ter o poder de uma narrativa que estabelece certa coesão social a partir de valores comum identificados entre os interlocutores. Reforçando a ideia de que vidas devem continuar em certa

³¹ Para uma apreciação mais profunda a respeito da fofoca como um tipo de “sociogênese do preconceito” como define o autor, ver Norbert Elias em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000).

‘margem social’, reforçando o discurso dos agentes de segurança pública ao denominar as mães como péssimas mães, segundo o relato das mesmas. Apresentamos três relatos de mães que frequentam os cultos e buscam encontrar na religiosidade soluções para seus problemas, principalmente a saída de seus filhos do crime, como elas mesmas afirmam.

Francisca (42 anos)

Francisca é mãe de Eliseu, segundo ela aos doze anos ele começou a fumar maconha e não parou mais, até chegar a consumir outras drogas como cocaína e *aranha*³². Ao contrair dívidas não encontrou outra solução a não ser trabalhar como aviãozinho para o traficante como um modo de pagar a dívida, porém, ao mesmo tempo em que ele trabalhava no tráfico, mais viciado se tornava e com isso sua dívida nunca chegava ao fim de acordo com Francisca:

Sempre criei sozinha meus filhos, apesar de terem pais diferentes nenhum cresceu na presença dos pais e acho que se o pai de Eliseu estivesse comigo ele não teria entrado no crime não, o pai tem a autoridade e duvido que ele não iria obedecer o pai dele. Eliseu nunca conseguiu pagar a dívida dele, até hoje deve ao patrão, ele me ajudou quando Eliseu foi preso e adoeceu no presídio com uma sarna que quase cai a pele toda, mas ele me deu dinheiro para comprar os remédios e Graças a Deus ele ficou bom, até advogado ele conseguiu. Foi uma benção!

Francisca mora em uma área da comunidade onde fica o principal ponto de tráfico do grupo, é uma área que necessita de infraestrutura, coberta por um matagal e esgoto a céu aberto. Conheci Francisca em uma de suas visitas ao filho quando este ainda estava encarcerado, ao entrar em um mercado para comprar mantimentos para levar ao presídio começamos a conversar e semanalmente eu a encontrava no mesmo mercado, acompanhei um pouco de sua luta em busca da liberdade do filho.

Eliseu foi preso há oito anos por associação ao tráfico de drogas, então com 19 anos de idade, hoje aos 27 anos conseguiu o benefício do livramento condicional. Francisca relata que sempre soube que seu filho iria sair da prisão, pois, segundo ela foi “promessa de Deus”;

Valeu a pena eu esperar em oração, deus sabe o quanto eu pedia para ele libertar meu filho e ele me deu essa surpresa, nem eu sabia que ele seria solto essa semana, mas acho que por causa da pandemia ele teve esse direito, de todo jeito a pandemia foi permitida por Deus e, ele usou ela a meu favor para libertar meu filho. Foi muito sofrimento, você mesma via quando eu precisei

³² Nome popular dado por traficantes e usuários em algumas regiões aos medicamentos de prescrição controlada como Diazepan, Clonazepan e Rivotril,. Segundo um interlocutor esses medicamentos possuem efeito alucinógeno ao ser ingerido junto a bebidas alcoólicas.

da ajuda de muita gente para completar a feirinha dele que eu tinha que levar, não tenho vergonha de dizer isso não, eu pedi até a você lembra?

Sou uma pessoa que quase não tenho leitura, trabalho muito nas cozinhas dos outros, mas sou honesta e nunca roubei uma banana para criar meus filhos, são quatro filhos e três netos, mas criei e ainda crio com muito trabalho. Meus irmãos têm condições de me ajudar, mas a ajuda vem dos estranhos. Quero sair daquele lugar, é tiroteio todo dia, além da polícia tem a guerra com a outra facção e tenho muito medo de uma bala perdida, se eu morrer como vão ficar meus filhos que dependem de mim? Deus me livre!

Francisca relata que começou a trabalhar como diarista ao quatorze anos de idade, sua mãe teve nove filhos com quatro diferentes companheiros, sua mãe era conhecida pela vizinhança como mulher de vida fácil e recriminada por sair à noite enquanto os filhos ficavam em casa ainda crianças sozinhos aos cuidados da filha mais velha que tinha doze anos de idade. Francisca se orgulha em dizer que seguiu os passos contrários aos da mãe:

Minha mãe infelizmente colheu o que plantou, morreu de câncer, acho que foi a vida que ela teve, ainda que ela fizesse tudo àquilo para a gente ter comida, eu nunca precisei fazer isso, sempre trabalhei honestamente!

Agradeço a Deus pelas irmãs que ele colocou no meu caminho, tem uma irmã que o filho dela morreu assassinado, ela deu às roupas dele ao meu filho, eles eram bem amigos, e ela me ajudou muito em oração, com comida quando eu não tinha, até papel de energia pagou para mim. Só Deus pode pagar a ela o que ela fez para mim.

O filho de Francisca recebeu a visita de alguns irmãos de uma igreja próxima a casa dela, foram recepcioná-lo com boas vindas e convidá-lo a participar dos cultos semanais. Houve um período de oração e agradecimento por sua volta ao lar, nessas visitas é comum a presença de ex bandidos que agora ora ocupam o cargo de evangelista ou ainda estão em processo de conversão, ou seja, são discipulados e acompanhados por líderes da congregação, neste processo de reinserção a sociedade.

Francisca ficou muito feliz em receber o grupo, mesmo confessando que teme por seu filho voltar a traficar, pois, os antigos *parceiros* já estiveram em sua casa conversando com ele. Por morarem em uma área controlada pelo tráfico ela confessa ter o desejo de sair de lá, porém não tem condições de pagar um aluguel mais caro, e sabe que seu filho terá que mais cedo ou mais tarde quitar ou tentar quitar sua dívida com o traficante.

Em meio a tantos relatos, o da irmã Marcinha impressiona pela aparente fragilidade que ela *a priori* transmite, seus cabelos grisalhos e sua figura franzina não demonstram a força que ela atribui vir de Deus, para prosseguir em meio a tantos acontecimentos trágicos no contexto familiar. Irmã Marcinha passou por três perdas na família, sua filha mais nova morreu no parto aos 19 anos, ela ficou com o neto que hoje aos 25 anos se encontra em um dos presídios de João Pessoa. Foi julgado e condenado pela morte de um homem, acusado de matar seu tio. Um dos filhos dela passou grande parte de sua vida também em um presídio, foram 15 anos de reclusão, com poucos meses de liberdade foi assassinado por um colega enquanto bebiam juntos. Após essa perda, seu esposo que há anos estava doente (ela não quis revelar qual o tipo de doença que seu esposo tinha) veio a falecer.

Sua vida mudou totalmente com a prisão do filho. Antes não era necessário economizar durante o mês para não faltar comida, pois, seu esposo era um conhecido comerciante da região. Com uma crise financeira e a doença do esposo ocorreram mudanças, pois, os filhos não souberam administrar os negócios do pai, o que levou ao fechamento de todas as lojas. O filho mais velho foi condenado por homicídio o que levou a venda de alguns imóveis da família para o pagamento de advogados. Irmã Marcinha relata que se viu sem nada de uma hora para outra e com o esposo adoecendo teve que se tornar a responsável pelo que ainda restava da família. Logo após a morte do filho, ela passou novamente por questões judiciais e sem recursos para pagar advogados para defender o neto, fez empréstimos, contraindo uma dívida que ultrapassa os 15 mil reais.

Hoje em dia ela mora apenas com o bisneto de 5 anos, filho do neto que se encontra no presídio. O neto e o bisneto, diz ela são suas alegrias e, na igreja encontra forças e acolhimento para continuar a viver.

A maior dor que passei foi perder meu filho daquele jeito! Na rua, esfaqueado por um sujeito que se fazia de amigo dele, perdeu o sangue todo, foi muito triste. Ele já tinha pagado tudo para a justiça, muitos anos na prisão para depois morrer desse jeito, é uma dor muito grande. E meu neto preso, agora é outra luta que só Deus para me dar forças, se não fosse a igreja eu nem sei o que seria de mim. Eu sei que ele errou em querer vingar a morte do tio, mas ele tem um coração bom e tenho fé que ele vai sair daquele lugar e criar o filho com a mulher dele.

Hoje eu sofro, choro e passo por humilhação, às vezes peço dinheiro emprestado a um e a outro, meus outros filhos ficam com raiva, dizem que faço tudo pelo neto e não me importo com eles, mas eles já têm às famílias deles e meu neto só tem eu.

Irmã Marcinha sempre foi dona de casa, alfabetizada aos 50 anos de idade em uma escola municipal que funcionava como EJA à noite, perto de sua casa. Ela diz com alegria que

hoje pode ler a bíblia. A bíblia, aliás, muitas vezes é o único livro que essas mulheres têm acesso.

Ela confessa que passou por momentos muito difíceis em que tinha apenas salsichas para comer durante dias com o bisneto, pois, tinha que mandar a feira do neto, preferindo passar por privações ao ter que vê-lo sem o lanche semanal. Ela diz que não pedia ajuda aos outros filhos, pois eles não aceitavam o fato de ter ficado endividada por causa do neto. Por causa de um empréstimo, ela recebe apenas 600 reais por mês.

Elisaura (45 anos)

Elisaura é viúva há cerca de 8 anos, seu esposo era policial militar. Como ela não conseguia engravidar eles adotaram o filho de uma jovem que por ser viciada em drogas não tinha condições de ficar com a criança. O processo de doação da criança ao casal foi todo realizado judicialmente, quando a criança tinha cinco anos de idade. Hoje o filho de Elisaura tem 21 anos, é conhecido como uma dos braços direito do principal traficante do bairro, é integrante e líder do Bonde B.

Elisaura é alócolatra e relata que o vício em bebidas começou quando descobriu que o filho traficava, fato que ela diz ter descoberto quando ele foi visto em uma reportagem em um dos diversos programas policiais de TV. Desde então, diz buscar consolo na bebida. Abandonou os estudos ainda no ensino fundamental II, é dona de casa, passando os dias consumindo bebidas e cuidando do neto mais velho.

Eu não espero outra coisa a não ser ele preso ou morto, é uma vida desgraçada essa que ele escolheu, agora fica lá na boca em tempo de ser morto e ao mesmo tempo, raparigando e dando trabalho para mim e a mulher dele. Eu criei esse menino para ser homem e não para ser bandido, mas ele escolheu o crime e eu vou fazer o que?

Eu não vou morrer não, ele já me ameaçou, já colocou a arma na minha cabeça, já deu uns tiros em casa. É muito difícil minha vida! Fiz de tudo para ele deixar essa vida, se o pai fosse vivo acho que ele não estaria no crime. Ele não me respeita, só quer fazer a vontade dele, não escuta o que eu falo. Agora, quando acontece qualquer coisa, a polícia pega ou precisa de dinheiro me procura, é assim mesmo, mãe é o bicho mais besta que existe!

Elisaura mora com o companheiro. Ela tem orgulho de dizer que não precisa dele para nada, porém com um homem ao seu lado as pessoas a respeitam e, se estivesse sozinha já teriam invadido sua casa. Ela está constantemente mudando de casa dentro do bairro. Presenciei diversas vezes moradoras rindo em tom de deboche ao vê-la passando na rua enquanto estava alcoolizada. Seu modo de se vestir também por vezes foi motivo de piadas. O fato de Elisaura

ser independente, quebrar certos padrões sociais a torna um tipo de *outsider* neste grupo de mulheres. Apesar de participar de cultos na igreja e professar a fé cristã, afirma gostar de beber e de festas.

2.2 LIDERANÇA FEMININA: A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS ATRAVÉS DE FUNÇÕES DISTINTAS

Durante o trabalho de campo foi possível transitar e observar dois momentos distintos, porém com certas semelhanças em que o protagonismo é feminino. São mulheres que ocupam a posição de liderança, uma vez que, são responsáveis por administrar.

Em se tratando de mulheres no universo religioso existe a questão da sacralidade e o que o simbolismo da maternidade significará, principalmente no catolicismo. No cristianismo evangélico a figura de Maria será uma representação importante, porém, não tanto quanto no catolicismo. As mulheres evangélicas buscam personagens bíblicos que fazem parte de narrativas que terão enfoque na esterilidade e como milagrosamente conseguiram engravidar. De modo similar, observamos que a função de mãe é o foco da religião cristã em se tratando do feminino.

Segundo Bernardo (2005) historicamente a mulher africana exerceu o papel de provedora, no sentido do afeto e proteção da família, desse modo foi possível vivenciar a matrifocalidade no Brasil, bem como atribuir para si a função de sacerdotisa no candomblé. Nesse caso a força do exercício da função religiosa surgirá da maternidade: :As características de proteção e afeto maternos intensos, acrescidas à de provedora, que a mulher africana e afro-descendente também detém, como foi discutido anteriormente, possibilitam a vivência da matrifocalidade na sociedade brasileira. No entanto, todos esses aspectos culturais, sócio-econômicos e históricos elencados não explicam a ocorrência somente de um tipo de família, mas dão indícios fundamentais para o entendimento do fato peculiar da mulher surgir como a detentora do poder religioso, a grande sacerdotisa do candomblé (BERNARDO, 2005, p. 15).

Ainda de acordo com Bernardo (2005), é no sentido maternal que a sacerdotisa no candomblé é chamada de mãe-de-santo, ao mesmo tempo em que mantém a liderança respeitada no terreiro, enquanto líder religiosa e guia espiritual.

No meio pentecostal evangélico a figura do pastor é uma representação de Deus, enquanto a mulher tem um papel inferior, de submissão, com responsabilidades distintas. De acordo com Birman (1995) o homem é o representante da moralidade e cabeça do casal, cabe a mulher o papel de submissão a este assim como a igreja se submete ao pastor, ou seja, o modelo familiar tradicional é reproduzido no sistema eclesástico:

[...] Muito ao contrário, no lugar da importância concedida à mediação feita através do feminino, o que predomina é um modelo teológico no qual a mulher é associada do ponto de vista da hierarquia do Bem como mais fraca e sujeita ao pecado. Disso resulta que a boa ordem do mundo é aquela em que a mulher deve se subordinar ao marido da mesma forma como na igreja deve imperar o Pastor. A religião, nesse caso, provê uma ordem que tem nos homens o eixo do seu sistema moral, o que deve se refletir numa estrutura familiar onde se estrutura uma participação homogênea na igreja entre todos os seus membros, conduzida pela cabeça do casal. Esse modelo vai se expressar numa organização eclesial essencialmente comunitária, tal como sempre prevaleceu no campo protestante, incluindo as tradições pentecostais (BIRMAN, 1996, p. 209).

Passadas mais de duas décadas da análise da Patrícia Birman, podemos perceber que na liturgia e regras eclesiais das igrejas pentecostais, pouca coisa mudou. As mulheres continuam exercendo o papel de submissão, porém adquiriram outros status, o de dirigentes de círculos de oração, reunião em que a maioria das igrejas Assembleia de Deus realizam em um determinado dia da semana com o objetivo de orar em favor de diversas causas apresentadas pela comunidade religiosa.

Em visitas a outras igrejas de vertente pentecostal na cidade, foi possível observar que todos os círculos de oração são liderados por mulheres. A percepção do cuidado, acolhimento e simbolismo maternal apresentados neste tipo de trabalho torna o papel da mulher fundamental.

Missionária Fernanda (50 anos)

A missionária Fernanda lidera há cerca de oito anos a igreja Assembléia de Deus, de raiz pentecostal que teve início na garagem de sua casa. É comum as igrejas na periferia iniciarem em garagens das próprias casas dos crentes. Através da ajuda financeira dos pais ela conseguiu comprar uma casa em frente a sua e construir a igreja.

Divorciada e com duas crianças para cuidar, ela diz que tentou “fugir do chamado que Deus tinha para ela”, porém foi em vão, mesmo assim, seguiu em frente e hoje diz ter orgulho de ter sido obediente a Deus. Sua filha reside em outro estado, só a ver em datas comemorativas como, natal ou dia das mães. O filho mais novo foi assassinado quando estava em uma boate com alguns colegas que são do Bonde B. Ela confessa que pensou em parar com o ministério pastoral e morar com a filha depois do que aconteceu, mas permanece “fiel ao chamado do senhor”.

O assassinato de seu filho ainda jovem a fez entrar no grupo de mães que perderam seus filhos por morte violenta. As mulheres que ela visitava e procurava confortar nesses momentos de dor e sofrimento agora são suas companheiras de dor. Ela era um símbolo de força, agora é um símbolo de resistência, pois frequentemente é chamada de “guerreira” por várias mães que

estão órfãs de seus filhos, lutam com a dor da perda, porém ainda recebem o conforto de quem sabe o que é perder alguém cujas expectativas agora não poderão mais se realizar.

Eu tinha muita esperança de ver meu filho casando com alguém que realmente amasse ele. Essa mulher que teve uma filha com ele nunca amou ele, para você ver uma coisa... Ela teve a coragem de vir ao velório com o atual namorado, isso é uma falta de respeito, não aceito isso não! Me doparam de remédio no dia, você mesma viu, mas, se eu tivesse consciente eu teria mandado ela embora.

Criei meu filho com tanto amor e tinha tantos planos para ele, mas Deus levou, eu sei que foi plano dele levar meu filho para um lugar melhor. Deus sempre vai ter o melhor para nós, seja doença, morte ou fome isso tudo só acontece na vida de quem ele ama para um propósito maior. O pai dele deixou de falar com ele quando foi visitá-lo na primeira vez que ele foi preso, nesse dia ele disse que não tinha mais filho. Foi muito dura essa palavra, eu sei que ele errou muito, mas pagou por seus erros, estava no caminho certo.

Só não deixo a obra, pois sei que não é o momento, apesar de que as vezes dá vontade de ir embora e largar tudo. São muitos problemas que uma igreja tem, as pessoas não aceitam que Deus me chamou para pastorear esse rebanho, os irmãos não querem reconhecer minha autoridade pastoral. Se um pastor estivesse no meu lugar, eles aceitariam a autoridade, mas como sou mulher acham que eu deveria estar em casa lavando pratos. É algo muito difícil, ter que enfrentar o machismo dentro do povo de Deus.

Samantha (29 anos)

O esposo de Samantha é líder do Bonde B e um dos líderes da facção na cidade. Ele se encontra recolhido em um dos presídios da capital. Apesar de jovem, ela tem responsabilidades que vão desde o espaço privado ao público. Samantha é mãe de três filhos, o mais novo ainda está sendo amamentado. É comum vê-la passar pelas ruas com o bebê aos braços, ou em uma esquina amamentando este. Nesses momentos ela conversa com vizinhas sobre mamadeiras, fraldas, consultas ao pediatra, porém está sempre observando a rua e interrompe as conversas para passar as ordens necessárias a alguns jovens traficantes que por ali transitam.

Ela exerce um papel junto à comunidade de liderança. Realiza anualmente a festa das crianças na parte da comunidade em que é próxima ao ponto de tráfico, sendo esta a parte mais precária em termos de estrutura urbana. Em meio ao lixo e matagal é montada uma estrutura com diversos brinquedos para as crianças, como pula-pula e mini canoa, a distribuição de lanches e brinquedos é um momento organizado por ela e executado pelos jovens traficantes que lhe dão assistência na organização das filas.

As mulheres parecem reconhecê-la como líder, obedecendo a tudo que ela lhes ordena. Nos cultos realizados nas ruas, existe uma parceria dela com uma igreja evangélica próxima de

sua casa, com distribuição de sopa ao término do culto. Alguns moradores confessam que aquela refeição é a primeira do dia e agradecem a ela com lágrimas nos olhos.

Mesmo realizando estas ações na comunidade, quando o assunto é liderar o grupo, Samantha não têm o mesmo reconhecimento. Uma das esposas de um dos jovens traficantes relata que ao pedir para Samantha falar com ele sobre os espancamentos que ela vinha sofrendo, Samantha lhe disse que não iria falar nada com ele, pois, temia por sua vida, sabia que ele não gostava de receber ordens dela. Apesar de respeitá-la como esposa do “patrão”, alguns jovens disseram que não a consideram como líder.

Samantha e Fernanda exercem o protagonismo em diferentes grupos, porém passam por dificuldades semelhantes para desempenhar seus papéis sociais enquanto líderes de seus “rebanhos”. Elas são antagônicas no sentido das funções e o que elas simbolizam, enquanto a pastora Fernanda busca encontrar meios através do campo dos sentidos e da subjetividade de como resgatar a alma dos jovens traficantes, Samantha lhes oferece no campo das ações, práticas que lhes proporcionam meios de permanência no crime.

Essas duas mulheres possuem histórias de vidas que se entrelaçam e, mesmo sem perceberem as similaridades entre elas, estão sujeitas aos mesmos preconceitos e julgamentos por exercerem funções com predomínio masculino e ainda não ter a presença de um homem ao seu lado legitimando socialmente o exercício de suas atribuições enquanto mediadoras de conflitos nos espaços que ocupam.

É importante ressaltar o lugar que a religião ocupa, não apenas dentro do Bonde B, como também na comunidade. Nesse caso, da capacidade que esta terá de promover mudanças nas relações sociais, ou seja, tendo a função de construir laços entre grupos sociais que podem ser considerados antagônicos, como também a possibilidade de mudar a percepção de uma comunidade em relação a determinados sujeitos.

Tanto a missionária Fernanda quanto Samantha são tidas como mulheres respeitadas dentro da comunidade, uma por exercer o papel de líder espiritual e mediadora entre Deus e os humanos, a outra por ser a esposa do líder do tráfico. Em conversa com ambas foi possível verificar que elas se percebem enquanto sujeitos que possuem certa relevância no meio e que vivem. Ambas professam a fé cristã a partir de suas próprias vivências e especificidades.

A religião torna-se norteadora das relações sociais entre os jovens traficantes e suas lideranças, abrangendo familiares e vizinhança. Foi verificado como sujeitos considerados socialmente descartáveis, tornam-se novos sujeitos a partir de sua inserção ao universo religioso. Os jovens percebem que ao assimilar esses valores em sua dinâmica social, produzem outro tipo de asujeitamento para si. Esse lugar que a religião ocupa, poderá também trazer novas

configurações dentro do sistema de vizinhança, no sentido de que, os evangélicos podem passar a ‘usufruir de certos privilégios’ dentro do espaço dominado pelo tráfico, como explica Cunha (2015):

Os evangélicos, que já dispunham de uma autoimagem e de um lugar no imaginário social dos moradores e favelas e bairros populares como moralmente superiores (BIRMAN; LEITE, 2002), passam a contar com apoio dos traficantes de drogas, que pagam altas quantias em dízimos e ofertas para o trabalho social das igrejas, financiam *shows* gospels, contribuem para a disseminação do Evangelho nos muros e *outdoors* da favela (CUNHA, 2015, p. 416).

De acordo com os pesquisados que participaram das rodas de conversas, enquanto participantes do Bonde B, eles podem conciliar a atividade exercida com uma fé praticante, ou seja, ir aos cultos. A religião se mostra importante no sentido de buscar por força e proteção, acreditando que algo poderá mudar em suas vidas a qualquer momento. A fé neste sentido seria uma fé ativa, capaz de promover mudanças impensáveis. Este vem a ser o principal significante da religião evangélica cristã de acordo com a pastora, ou seja, a força existente na fé que de acordo com ela só poderá promover essas mudanças se for exercida. Nesse caso a missionária terá um papel fundamental através do aconselhamento que oferece aos jovens. Quase todos do Bonde B chegam a chamá-la de mãe, demonstram a ela um respeito quase de divindade, ou seja, a pessoa consagrada por Deus para orientá-los e guiá-los ao caminho certo.

Apesar das relações sociais mediadas por violência fazer parte da realidade social dos sujeitos, observamos que a religião ocupa um lugar que agencia novas relações e, organizadora da realidade que os cerca. Trazendo em certos momentos conforto existencial.

CAPÍTULO III – “VAI NA PAZ PARCEIRO, UM DIA A GENTE VAI SE ENCONTRAR”: RITOS E SIGNIFICADOS DO LUTO ENTRE OS JOVENS TRAFICANTES

O drama de famílias vitimadas pela violência tem sido amplamente apresentado nos meios de comunicação nos últimos anos através dos chamados, programas policiais. O sofrimento que a perda causa em específico na figura da mãe e o desespero ao saber da morte de um filho tornou-se uma cena frequente nos programas policiais locais, como também as

reações daqueles próximos a vítima. A representação do luto, e a importância que a despedida tem para os jovens traficantes serão apresentadas neste capítulo.

Durante a pesquisa de campo, passei a frequentar alguns velórios dos jovens traficantes. Com isso buscava oportunidades de encontrar um maior número deles reunidos, porém o modo como eles realizam a despedida do *parceiro*, bem como o lugar da mãe nessa situação foi observado como importantes fatores que fazem parte da construção do *ser jovem traficante*. Apesar da tristeza que passou a tomar conta de meus sentimentos, continuei a participar e, em certos momentos ajudava no processo de despedida, oferecendo apoio aos familiares, chegando até mesmo a fazer um discurso rápido de despedida em um dos velórios que participei.

Confesso que fui tomada de sentimentos que muitas vezes me impediam de estar apenas como pesquisadora. Costumava levar o diário de campo ao caminhar pelo bairro, buscando descrever tudo que seria relevante para a pesquisa, dessa forma o celular me ajudou a registrar algo que eu poderia esquecer. Eram muitas sensações juntas, ao ouvir os gritos, choros, e desespero ao redor, não sendo possível pensar em uma neutralidade, pois, o pranto da mãe e dos *parceiros* era carregado de palavras que por vezes me constrangeram, uma vez que, eu estava presente naquele lugar por ser pesquisadora e precisar registrar aquele momento. Diante disso, me senti mal, no sentido de que talvez ali eu não estivesse se o objetivo não fosse o de realizar uma pesquisa.

O momento do velório é permeado de símbolos com significados importantes para eles. Geralmente são confeccionadas camisas com a foto do jovem assassinado. Essa camisa logo depois vem a ser tornar uma espécie de vestimenta específica ao participarem de outros velórios. A imagem dos que já se foram se une a daquele que está sendo sepultado, formando uma triste cena de corpos vivos carregando os mortos através de uma imagem estampada em seus peitos. A cada velório em que eu estive presente era crescente o número de parceiros com suas “vestes fúnebres”. Ao acompanhar mais um velório a companheira de um jovem traficante a quem chamarei de Madalena me oferece uma camisa e diz “*Essa é para a senhora, a gente tem visto como a senhora trata os meninos, a senhora aceita*”? Eu agradeço e visto a camisa, passando a fazer parte também do grupo ainda que por um rápido momento, nesta homenagem ao que se foi.

O ritual de despedida é visto como um acontecimento a parte no velório, geralmente quando acontece o ato de despedida do grupo, os moradores que estão próximos ao caixão se retiram para que aquele momento seja reservado ao Bonde B. Nesse momento o líder profere algumas palavras enquanto os demais apenas acenam com a cabeça em sinal de concordância.

A mãe se torna o centro do ritual, recebe o abraço coletivo do grupo e logo depois o abraço individual do líder. É colocada uma cadeira junto ao corpo do filho para que ela possa acariciar e “conversar” com o corpo. A cada pessoa que se aproxima para lhe dar as condolências, ela parece aumentar o pranto e, entre choros, lamentações e gritos, profere palavras carregadas de revolta e questionamentos.

As mães parecem obedecer a uma cartilha do pranteamento. A mulher que antes era percebida como “péssima mãe”, agora é rodeada de pessoas que disputam sua atenção, querem consolá-la. O centro das atenções é voltado para esta mãe.

3.1 A DOR COMPARTILHADA COLETIVAMENTE

Ao observar as ações do grupo nos velórios, é perceptível um misto de emoções que vão desde revolta, dor da perda, desespero, além do silêncio que demonstra ter mais significado do que palavras. Utilizo a palavra *dor*, pois foi a mais utilizada por eles ao serem questionados sobre o significado do velório de um parceiro. Os que aceitaram falar sobre isso também faziam uso da frase: *Foi a vontade de Deus*.

A religiosidade é demonstrada com mais intensidade, em todos os velórios em que participei, foi observado que as narrativas dos interlocutores apresentavam aspectos de forte apelo religioso, a justificativa da morte é sempre associada à vontade divina. A observação participante possibilitou verificar que, no âmbito da vizinhança o aspecto religioso é compartilhado não apenas entre os integrantes do grupo, mas, entre moradores e curiosos que procuravam saber se o corpo velado seria “do rapaz que passou no programa do Samuka”³³. É comum a presença de religiosas que buscam confortar a mãe e demais familiares, com orações e louvores, o discurso religioso tem como tema principal a “vontade divina” e o “descanso do sofrimento”.

Os *parceiros* cumprimentam de modo discreto a mãe e se unem em volta do caixão, embora poucas palavras sejam pronunciadas entre eles, a comunicação é feita através dos olhares, como se existisse um código que apenas eles compreendem, ou seja, uma linguagem dos sentidos. A maior parte do tempo em que ocorre o ritual fúnebre a percepção de ocultação das emoções é visível, é neste sentido que Koury (2003) analisa o não saber se comportar em situações como essas, em que existe um entrelaçamento de sensações como medo, indiferença e ao mesmo tempo procura, ou seja, repressão de sentimentos que fazem parte do processo de transformação e, necessidade de autocontrole do homem moderno. É perceptível o olhar que

³³ Programa policial Cidade em Ação com apresentação do Samuka Duarte, exibido pelo canal 14 TV Arapuan.

demonstra uma dor contida, de acordo com Koury (2003, p. 105), seria o mal-estar por não saber que tipo de conduta praticar, devido à sensação de inadequação e sofrimento pela perda.

Ainda em relação ao sentido da perda, Koury (2005), observa um “movimento ritual marcado pela economia de afetos”, em que existe o receio de expor os sentimentos. Nos velórios em que estive presente, foi possível observar através dos movimentos dos parceiros, que, compartilhar a dor coletivamente indica já existir um código de ética pré-estabelecido por eles. Neste caso, dificilmente o choro se constituiu em uma ação presente no ritual, o chorar, que pode ser para alguns a expressão visível de demonstração autêntica da perda, não fez parte do conjunto de ações praticadas por eles.

Durante a pesquisa estive presente em cinco velórios, outros velórios ocorreram, porém, não fui capaz de participar desses outros, pois, já não seria apenas a pesquisadora quem estaria presente. Ao chegar ao velório, não é difícil constatar a morte violenta que o jovem é submetido, mesmo com todo o cuidado que as empresas funerárias realizam em maquiar esse corpo, é visível principalmente no rosto, a tortura que os assassinos praticam antes de executar a vítima. De acordo com relatos, o *modus operandi* praticado pelas facções, seria a tortura antes da execução. Participar desses momentos tornou-se uma angústia, no sentido de não suportar mais, ver corpos de adolescentes algumas vezes irreconhecíveis, e ao mesmo tempo suas mães prostradas sobre eles, pedindo aos prantos que acordassem.

De acordo com Turner (1974), em seus estudos sobre rituais entre os povos ndembos, estes seriam vistos como práticas religiosas importantes para a compreensão das relações sociais. Ele ainda chama a atenção para a riqueza e complexidade existente na religiosidade, como também o simbolismo dos ritos, que “nos apresentam estruturas culturais diversas” (TURNER, 1974, p. 15). Por mais que o compartilhamento da dor não fosse aparente, em outros termos, não estivesse de modo observável em ações práticas, existia uma complexa rede de atores envolvidos em um ritual que demonstra um conjunto de sentimentos e expressões compartilhados similarmente.

O Professor Koury (2003) busca compreender a construção de novas emoções, ou seja, uma sensibilidade que antes não seria percebida no homem urbano atual. Esse conjunto de costumes e sensações ao lidar com o luto e seus rituais possuem significados que objetivam certa reintegrar o indivíduo à sociedade, diferentemente do sentimento de perda que abrange a “ausência” do ser, e a recusa desta. Alguns parceiros do falecido apresentaram um comportamento semelhante ao que o autor nos apresenta em sua pesquisa.

O luto vivenciado coletivamente, nos apresentou neste caso, uma dinâmica similar nos velórios observados. Ao chegar ao espaço em que a cerimônia estava sendo realizada, foi

verificado que o lugar da mãe sempre era o destaque no ambiente. Uma cadeira ao lado do caixão, com alguém do gênero feminino segurando uma espécie de toalha de rosto que vez ou outra passava na face da mãe, tentando inutilmente enxugar-lhe as lágrimas. A mãe permanece sentada na cadeira, às vezes com o olhar parecendo perdido, outras vezes chorando com a cabeça prostrada ao corpo. Ao chegar alguém para cumprimentar a mãe, é nesse momento que a performance dela se intensifica, são percebidos mais choros com gritos, as vezes chegando a desmaiar, nesse sentido todas as atenções não são mais voltadas para o corpo, e sim à mãe.

O termo “maternidade partida” é utilizado por Fábio Alves de Araújo em sua dissertação; *Do luto a luta: A experiência das mães de Acari*, sobre a relação de luto, maternidade e luta política, em busca de justiça sobre a perda dos filhos em uma chacina conhecida como *Caso Acari*. De acordo com Araújo (2007) o termo se refere à legitimação que as mães que perderam seus filhos de forma violenta, buscam para si, em meio a uma mistura de sentimentos e emoções a procura por justiça em relação aos mesmos. Uma maternidade que foi “partida” com a retirada súbita da presença do filho expõe segundo Araújo a busca por uma legitimação desta, sobretudo utilizando recursos como a religião e o ritual do luto:

Na construção da denúncia pública as “Mães de Acari” manipulam e subvertem diferentes papéis que a sociedade patriarcal e machista atribui à mulher, sobretudo a partir do lugar tradicional que ocupa na família, ancorada na defesa de princípios sacralizados como a maternidade e o direito a vida. Por outro lado acentua certos papéis tradicionais. Se uma das principais críticas feministas ao longo do tempo girou em torno da ruptura do determinismo biológico que está embutido na construção da maternidade como fim natural da mulher, por outro lado, é da maternidade partida que essas mães buscam legitimar-se no espaço público, utilizando-se de uma linguagem religiosa e dos rituais da morte e apelando para uma política das emoções e dos sentimentos (BARREIRA, 2001; LEITE, 2004). Desse modo, “Mães de Acari” tornou-se símbolo de uma narrativa humanitária (ARAÚJO, 2007, p. 51).

Ao participar dos velórios, procurava circular por todo o ambiente como o objetivo de “ouvir conversas”, como também me introduzir em algum grupo para fazer parte do diálogo, neste caso, os grupos de mulheres eram os mais acessíveis. Algumas mulheres que também já haviam estado naquele lugar da mãe enlutada, conversam sobre a sensação de reviver o momento, ouço o seguinte relato:

Eu sei o que é essa dor, é muito ruim e, ninguém entende por que a polícia diz que foi menos um mofi, o povo acha um alívio quando morre um dos meninos, mas, é um filho, você faz de tudo, cria com amor e termina desse jeito. A polícia não vai procurar quem matou nunca, a gente é mãe pobre, favelada (Heloisa, mãe enlutada, em um velório ocorrido em agosto de 2020).

À medida que a conversa se intensifica, é observado que elas se percebem como mulheres mães, pobres e faveladas, e esta percepção de sua realidade social nos indica que, se identificam a partir de suas vivências com a outra que lamenta a morte do filho naquele momento. Revelando com tristeza que essas mortes nunca serão investigadas pela polícia, uma vez que, mesmo sendo vítima de um homicídio, o fato de participar de uma facção, parece ser um fator determinante para tratar o caso como rixa entre as facções e assim, a polícia rapidamente dar por encerradas as investigações.

Enquanto as mães que perderam os filhos relembram como vivenciaram o difícil momento do sepultamento, os *parceiros* do falecido se aproximam da mãe, agora enlutada procurando consola-la, neste momento um silêncio toma conta do ambiente, as pessoas observam a cena e não ousam emitir nenhum comentário. A mãe recebe o abraço coletivo, alguns choram outros apenas observam o corpo. Quem chega para cumprimentar a mãe, se detém ao presenciar a cena, comentam algo e aguardam a saída do grupo para então se dirigir a ela. Todos os movimentos do grupo são realizados a partir da ordem do líder, ele é quem determina o momento de consolar a mãe, como também de lamentar ao redor do caixão.

De acordo com Koury (2014), apesar das constantes mudanças nas relações sociais, bem como a modernização dos grandes centros urbanos entre os séculos XIX e XX, costumes ritualísticos pareciam ter perdido a importância em uma sociedade cada vez mais individualista, em que o anonimato devido o aumento populacional colabora cada vez mais para a quebra de certas tradições. No entanto o autor nos mostra que, as questões relacionadas ao processo de luto apresentam especificidades ainda que regionais, enquanto população urbana carregam sentimentos e questionamentos similares.

Em relação aos velórios em que estive presente, foi possível observar que, a dor compartilhada ligada ao processo de luto, é de certa forma orientada dentro do espaço fúnebre. A urbanização não foi capaz de quebrar totalmente os costumes ritualísticos de vivenciar a dor do luto. As inquietações e comportamento dos sujeitos envolvidos nessa ação social revelaram comportamentos já observados em outros velórios. De certa forma, o “ser discreto” ainda que de forma orientada, fez parte do ritual coletivo do sofrimento, como bem apresenta Koury (2014, p 597): “A discricção, assim, parece movimentar a ação imaginária dos informantes sobre o papel comportamental de um sujeito que sofreu uma perda”.

3.1.1 A percepção dos jovens em relação à perda dos parceiros através da morte violenta

Os jovens integrantes do Bond B relatam que, fazer parte do grupo é integrar uma facção criminosa e de acordo com eles, assumem a identidade de “bandidos perigosos” diante da

comunidade. Eles relatam que, o risco de morte em relação a um jovem que não possui relação com o crime é bem maior, pois, a guerra entre facções e os confrontos com a polícia passam a fazer parte de sua realidade de vida. Nesse caso, a percepção da morte eminente é um fato, como se já soubessem que seus dias estão abreviados. Esse fato é constatado a cada velório em que o grupo participa.

As mortes prematuras sinalizam o modo arriscado que vivem. Trazendo com isto uma reflexão sobre o âmago deste fenômeno, que poderíamos apontar; A desigualdade social. O não acesso à educação, bens de consumo ou mobilidade social corroboram para que alguns jovens residentes na periferia busquem como alternativa o tráfico, é o que apontam Miranda e Paiva (2019):

Evidentemente que os jovens cooptados pelo tráfico possuem um recorte bem definido: geralmente oriundos de famílias de trabalhadores precarizados, residentes em territórios periféricos, subcidadãos que não tiveram acesso a direitos básicos por parte do Estado. Sobre estes jovens, os quais o tráfico se caracterizou como “uma escolha dentre escassas opções”, a denominada “guerra contra as drogas” irá se apresentar e chama-los ao enfrentamento. O desfecho dessa história representa uma das determinantes do multifacetado fenômeno conhecido como extermínio da juventude negra (MIRANDA; PAIVA, 2019, p. 69).

De acordo com os autores, a “produção dos traficantes” estaria relacionada com a desigualdade social. Ao adentrar no comércio ilegal das drogas, este jovem torna-se moralmente condenável. Alguns dos interlocutores relatam perceber que, ao saber da morte de algum integrante do grupo, alguns moradores já comemoram. Expressam com raiva a dor de perder alguém próximo:

Mesmo que para as pessoas meu parceiro não valia nada, para mim era com quem eu podia contar. O boy foi embora muito cedo. É assim mesmo, nossa hora só quem sabe é Deus, e a gente já se prepara, sabe que a qualquer momento a morte chega. Eu sei que um dia a gente vai se encontrar. O que fizeram com ele vai ter volta, nós não vai deixar assim barato não (Josué, no velório 10/2020).

Em novembro de 2020 acompanhei um trabalho de evangelização perto do local em que eles exercem suas atividades, cabe ressaltar que é o território de dominação da facção, sendo assim, qualquer palavra ou ação que remeta a desconfiança por parte deles, significa risco de morte para nós, desse modo, procurei seguir a risca as orientações da missionária, como por exemplo, não olhar fixamente para eles e, agir o mais natural possível. Ao chegarmos, pedimos permissão ao chefe para conversar com os meninos, ele de imediato nos atendeu. Após a evangelização quando eles se sentiam a vontade em interagir, eu aproveitava para perguntar

sobre o significado da morte para eles, como também a sensação da perda. Impressiona o fato de expressarem com certa naturalidade a questão da morte iminente.

Eles nomeiam seus principais inimigos, que segundo suas narrativas matam sem piedade; a polícia e a facção rival. Perder o parceiro para a facção rival é na visão deles a pior perda, porém, é possível a vingança, o que dificilmente acontece em relação à polícia, pois, guerra contra o governo, seria uma guerra perdida. A vingança é mencionada por todo o grupo durante o velório, como se fosse já algo determinado e aceito. Mesmo que signifique mais mortes, seria uma questão de honra vingar a morte do parceiro.

Ao perguntar sobre o significado da morte, eles respondem em concordância que “faz parte da vida”. Um dos interlocutores responde: “A gente sabe que essa vida é assim mesmo, não dá pra pensar em futuro não (...). Quem entra no Bonde tem que tá preparado, pode morrer a qualquer momento”. Eu sei que vou morrer e não posso fugir do meu destino. (Elizeu, 19 anos).

Imagem 4 – Demarcação da territorialidade



Fonte: Arquivo de um interlocutor (2021)

À medida que ouço seus relatos, percebo que a morte por assassinato é algo que não é percebido como propriamente uma ação violenta, no sentido de que a própria realidade de vida dos mesmos já é uma rotina repleta de violências através de incertezas, pressão psicológica e, concorrência dentro da facção. Neste caso, esse tipo de morte representará um fator a mais dentro dessa dinâmica diária que eles vivenciam. Percebendo a morte como se esta já fizesse “parte do pacote”, ao ingressarem no grupo. No entanto, isso não impede que se revoltam diante da perda, expressem raiva, choros, como também assumam a direção do velório em vários momentos em que os familiares não conseguem administrar certas tomadas de decisões.

O sentido da perda, aliás, está relacionado ao vazio ocasionado por uma ausência (KOURY, 2014) O parceiro que muitas vezes é denominado apenas por “boy”, é mencionado no velório por suas ações enquanto integrante do grupo como um bom companheiro. Apesar do discurso sobre ter a morte como ônus a partir da inserção ao Bonde, alguns demonstram descontrole ao ver o parceiro em um caixão, sendo logo repreendidos pelos demais.

Ainda em relação ao sentimento de perda, Koury nos aponta que, essa ausência seria então o sentido do vazio de uma relação que o sujeito sentirá falta, porém, esse sentimento no momento do velório poderá ser pouco demonstrado através de palavras, gestos e ações, chamando a atenção sobre uma economia dos gestos, expressões corporais e de afetos, advinda de uma transformação social através dos séculos, sobretudo ao que ele chama de “cultura funerária”:

Isso parece fazer aumentar ainda mais o sentimento de solidão do homem urbano de classe média brasileira. O “ser discreto” parece representar, assim, a forma que vem assumindo a “economia de afetos” (Elias, 1990, p. 49) da cultura urbana brasileira dos últimos trinta anos, principalmente aqui, no tratamento da questão da cultura funerária.

As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social e o controle social das emoções parecem viver, no Brasil urbano, principalmente junto aos segmentos médios urbanos, uma transformação intensa. Tal transformação se evidencia numa maior economia dos gestos, da postura, do decoro corporal externo, nas formas do olhar das pessoas, da expressão facial, entre outras atitudes comportamentais. Essa mudança caminha aceleradamente para a composição de um estilo de vida e de uma forma de expressão da autoimagem individual através de uma ação de autodistanciamento, onde a vergonha e o sentir-se embaraçado constituem-se em uma viga mestra para um maior controle emocional – seja pela repressão das atitudes espontâneas de sentimento e pela internalização na pessoa da subjetividade, como uma ação não social, seja pela autodisciplina. (KOURY, 2014, p. 598-599)

As narrativas sobre o significado da morte apresentam uma percepção homogênea dentro do grupo. A “companheira invisível” como eles a denominam é a única garantia que terão, quando passam a fazer parte do Bonde B. A frase, *quem sabe da minha hora é Deus*

representa um dos lemas de afirmação do grupo, além de apresentar a questão da religiosidade, demonstra a ambiguidade que existe no modo como lidam com a morte de um parceiro. Por um lado compreendem que a “hora da morte” chegou, pois Deus já havia determinado, por outro não aceitam a perda, de modo que no velório não se incomodam em expor o plano de vingança contra os supostos assassinos. O que a priori pode ser visto como contraditório, para os jovens traficantes faz todo o sentido os valores que representam essa frase e, que norteiam o modo como vivenciam o luto e, consequentemente como lidam com a perda.

3.1.2 Ritos de passagem realizados pelo Bonde B

Marcel Mauss (2003), em seu trabalho *O Ensaio sobre a dádiva*, a partir do método comparativo na Polinésia, Melanésia e Noroeste americano propôs estudar o fenômeno da troca, “da coisa dada”. Mesmo fazendo parte de um sistema econômico de determinadas sociedades, a dádiva como ele assim denomina, tinha a função de construir um elo entre as coletividades, como famílias, clãs, militares. O sentido da dádiva que Mauss nos apresenta é amplo:

[...] Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas, não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente (MAUSS, 2003, p. 191).

Segundo Mauss (2003), esse sistema significava mais que uma simples troca de presentes, tendo uma importância na vida social das sociedades pesquisadas. Em Samoa Mauss observou que, havia a troca de “oferendas”contratuais” que aconteciam em casamentos, comércio e até em rituais fúnebres. A partir da compreensão de Marcel Mauss sobre a dádiva, em que, a partir da troca entre recebedor e doador é construído um elo, implica no sentido mais amplo, uma troca de valores, sentimentos, dentro de uma sociabilidade que permite o fortalecimento das relações sociais.

Nos velórios em que estive presente, foi observado que, existe o ritual de despedida, em que a dádiva se apresenta como uma homenagem ao morto, porém logo sendo retribuída pela mãe que após o velório presenteia os parceiros com objetos deste. Os parceiros se reúnem com suas companheiras e providenciam a confecção de camisas com a foto do homenageado. O sistema de vaquinha é utilizado pedindo a colaboração de todos que estão presentes no velório para a compra, inclusive tive a oportunidade de colaborar em todos os velórios. Quando as camisas chegam é realizada a distribuição, acompanhada por choros e lamentos. A camisa possui uma representação de respeito, e memória daquele que se foi. Um interlocutor que

estava vestido aponta para o próprio peito e diz *“Essa camisa eu guardo com maior cuidado, já disse pra minha mãe ter o maior cuidado quando for lavar”*.

No ritual da despedida, a saída do caixão é acompanhada por um barulho que chama a atenção de todos que passam por perto, é o ronco dos motores das motos. Os integrantes do Bonde B chegam para o cortejo até o cemitério em motos, fazendo uma “apresentação pública” de acrobacias em frente ao local onde está acontecendo o velório.

No cortejo até a chegada ao cemitério, os jovens em suas motos abrem o espaço em meio ao trânsito, chamando a atenção dos motoristas através do que eles denominam de “buzinação”, com isso os carros vão dando espaço para que a multidão passe. No primeiro velório em que participei, chamou-me a atenção o carro que leva o caixão, além de iniciar o cortejo, possui uma caixa de som acoplada em que é transmitida a música escolhida pelo grupo para homenagear o morto. Remete-nos aos carros de som de propagandas comerciais, sendo possível ouvir a canção. Tanto as pessoas que estão no final do cortejo, como também as que transitam naquele momento, param para observar a aglomeração e o “espetáculo” das motos.

Conforme exposto anteriormente, a confecção das camisas com a imagem do morto, o desfile de motos, como também a distribuição de objetos pessoais que pertenciam a ele por sua mãe, são elementos que nos mostram como a troca desses presentes significam formas de dádivas importantes entre os sujeitos envolvidos na ação. Marcel Mauss (2003) observa que a circulação das coisas entre os polinésios não significava apenas uma questão econômica, mas, também, à religiosidade, no sentido de serem criados *“vínculos espirituais entre as coisas que de certo modo são almas, e os indivíduos e grupos que se tratam de certo modo como coisas”* (MAUSS, 2003, p. 200).

Dessa forma, observamos que, a “troca de presente” praticada nos velórios, faz parte da dinâmica social do grupo no processo de enlutamento. Apresenta importante significado espiritual entre o grupo e a mãe enlutada, desse modo o vínculo entre ambos neste momento parece se fortalecer, ocorrendo a retribuição dela, alguns dias após o velório. Ela presenteia alguns integrantes do Bonde B, com objetos pessoais do filho³⁴ como forma de agradecimento por todas as homenagens e apoio. Observamos então a importância do dar e receber como parte do ritual de sepultamento. O ritual se estende após o sepultamento, alguns interlocutores presenteados declararam que guardam com muito cuidado, pois, significa uma lembrança do morto.

³⁴ Em todos os velórios que acompanhei o processo da “troca de presentes” entre o Bonde B e a mãe se repetiu.

Cabe ressaltar a importância das músicas no velório e, como essa expressão de luto se tornou algo já esperado por parte dos presentes. Observamos a utilização da música como forma de expressar o sentimento de perda por parte do grupo. Buscando sempre escolher a que traz em sua letra questões sobre experiências de vida, ou seja, possui um significado dentro da dinâmica do luto.

De acordo com o professor Silva (2019), os jovens integrantes de facções através dos chamados *funks proibidos*, procuram expressar um pouco da realidade a qual estão inseridos, demonstrando através da música identidades construídas no escopo da violência. Contudo, se as letras ao primeiro momento impressionam por relatos violentos, é possível também observar o enredamento de afetos bem como valores que formam a construção de sujeitos conscientes de sua identidade:

Assim, numa primeira leitura, o proibido aparece imediatamente como uma representação apologética da violência e apenas isso! De fato, essa era a perspectiva inicial desta pesquisa. Foi pela violência de suas letras que inicialmente o funk proibido nos chamou atenção. Contudo, ao nos aprofundarmos nesse universo, ouvindo mais de mil proibidos nos últimos três anos, produzidos em todas as regiões do País, e nos apropriarmos da produção bibliográfica sobre o tema, podemos perceber que esse é um universo muito mais rico do que supúnhamos e que aquela violência que aparece na superfície obnubila uma teia complexa de afetos e relações que ficam submersos e se articulam entre si contraditoriamente. O proibido, ao passo que sintetiza símbolos de identidades coletivas, representando relações e papéis sociais, também engendra novas relações sociais, ajudando a transformar aquele universo (SILVA, 2019, p. 98).

Como foi visto, a música apresenta importante função no ritual fúnebre no sentido de, através da letra expressar o sentimento coletivo não demonstrado naquele momento. Enquanto é reproduzida durante o cortejo até o cemitério, alguns entoam os versos entre lágrimas, outros apenas a ouvem cabisbaixos. Há um sentido em torno das letras, trazendo uma reflexão sobre questões de um coletivo fortalecido através de laços identitários, ou seja, revela desse modo a “estrutura de sentimentos” de uma juventude consciente de si mesma, enquanto integrante de uma classe, que precisa ser ouvida (SILVA, 2020), utilizando nesse momento de perda, a música como porta voz de sentimentos e questionamentos que os envolvem.

Se eu fecho os olhos, minha mente desenha você.

Tapo os ouvidos, mas consigo escutar sua voz.

Só de pensar que nunca mais eu vou te ver

Dói, dói, dói

Que mundo é esse tão cruel que a gente vive?

A covardia superando a pureza

O inimigo usa forças que oprimem

Oprimem

É, vai na paz, irmão, fica com Deus

Eu sei que um dia eu vou te encontrar

Valeu menor, espera eu chegar!

Valeu menor, espera eu chegar!

Que mundo é esse tão cruel que a gente vive?

A covardia superando a pureza

O inimigo usa forças que oprimem

Oprimem

É, vai na paz, irmão, fica com Deus

Eu sei que um dia eu vou te encontrar

Valeu menor, espera eu chegar!

Valeu menor, espera eu chegar!

Música: Espera Eu Chegar³⁵

(MC Kevin o Chris, part. MC Cajá)

De acordo com Turner (1974), o ritual fúnebre serve também como uma forma de reconhecer a morte social do indivíduo, através do que ele chama de ‘tempo estrutural’ necessário para que, através desse rito a ordem social se estabeleça entre vivos e mortos. Portanto, o ritual do luto realizado pelo Bonde B possui uma função social dentro e fora do grupo. Nesse sentido, além de construir novos significados sobre o “morrer”, possibilita uma ação coletiva não apenas em relação ao morto, sendo possível através disso o fortalecimento de laços entre eles e outros atores sociais presentes no velório. A música como um elemento do ritual, ainda que no sentido de despedida, exerce a função de interagir com a sociedade, transmitindo através da letra, sentimentos, valores e ideologia. Desse modo funcionará como

³⁵ Uma das músicas mais tocadas nos velórios. Tornou-se um “hino” em homenagem aos integrantes do grupo que partiam.

um mecanismo que terá o poder de voz de uma juventude que, por não ter suas reivindicações e anseios ouvidos, vem sendo posta constantemente à margem da sociedade.

3.2 O SIMBOLISMO DO PRANTEAMENTO EM ESPAÇOS DISTINTOS.

O pensamento de Van Gennep (2013) em relação a práticas rituais de passagem classifica três categorias de ritos que abarcam vários tipos de cerimônias que são; separação, margem e agregação. Em se tratando do funeral o autor aponta os ritos de separação e margem como os mais importantes no processo do luto. Os ritos de separação promovem o distanciamento do indivíduo de uma realidade social o preparando para outra, é o que ele chama de *preliminares*. No luto de acordo com Van Gennep (2013), o indivíduo tem sua vida social suspensa, no entanto “os vivos e os mortos constituirão uma sociedade especial, em que o rito será um processo realizado de acordo com o grau de parentesco do morto” (VAN GENNEP, 2013, p. 129). Já os ritos de margem, prevalecem a adaptação à regras, bem como o comportamento de um novo papel social, a partir do distanciamento do morto e tudo que ele representava.

Foi observado que, o espaço para a realização do ritual fúnebre, torna-se um importante elemento no processo do pranteamento. O prantear envolverá não apenas uma ação individual do sujeito, nesse caso, o grupo apresenta um modo específico de expressar o pranteamento, algumas vezes em silêncio, outras através de desfiles acrobáticos em motos, estes geralmente em frente à igreja, como também no cortejo até o cemitério. A diferenciação dos espaços interfere no modo como o pranteamento será demonstrado.

Van Gennep (2013) denota a presença do caixão dentro de casa como um período de margem ao vivenciar o luto. Esse processo seria apenas mais um na composição de uma “serie inteira de ritos” que compunham o rito fúnebre. Dessa forma nos chama a atenção o ritual da despedida em diferentes ambientes e como são vivenciados, demonstrando performances distintas por parte do Bonde B e da vizinhança, a depender do ambiente. Os velórios foram realizados em dois espaços distintos, o privado como a casa de parentes próximos e na igreja. A escolha do ambiente dependerá da relação da mãe com a igreja, como também da decisão final do líder do grupo, juntamente com ela.

Quando os homicídios ocorriam, um informante me enviava mensagens com informações sobre o jovem assassinado. Algumas vezes acontecia de ser alguém com quem eu já havia conversado. Nesse caso a imagem vinha a tona constantemente, com isso um misto de frustração e tristeza tomava conta de mim por dias.

Recordo-me de Jairo³⁶, foi assassinado aos 19 anos, certa vez ele me disse: “Tia, eu não vou ficar sempre nessa vida não, quero ser eletricitista e minha mãe vai bancar um curso pra mim, ela ora muito por mim, e Deus escuta a oração da mãe”. Sua é evangélica, nesse caso o velório foi realizado na igreja da missionária Fernanda.

Em julho de 2020, Antônio foi assassinado aos 22 anos em frente a sua casa. Era noite, eu participava de um culto na residência de uma das mães, a missionária estava presente. Assim que a missionária iniciou o culto, ouvimos o som de tiros, imediatamente corremos para os fundos da casa procurando um abrigo. Passando um período de tempo, ao ouvir gritos vindos da rua, ao sair e nos deparamos com o corpo de Antônio em frente a casa. Apesar do alvoroço da multidão que se formou ao redor do corpo, conseguimos prestar auxílio à família até a chegada da polícia.

A missionária ofereceu a igreja para a realização do velório, porém, a mãe de Antônio que não era evangélica, decidiu realizar em sua casa. Os familiares alegaram que desse modo o velório seria mais cômodo para todos, principalmente para a mãe que não se sentia bem, precisando várias vezes deitar-se, pois havia tomado calmantes.

No decorrer da pesquisa de campo, foi possível observar que, as mães enlutadas que optaram pela realização dos velórios na igreja, tinham alguma relação direta ou indireta com a missionária, ou seja, participavam ativa ou esporadicamente dos cultos. No entanto os velórios realizados fora do ambiente religioso não deixavam de ter em sua composição certos aspectos que traziam elementos relacionados à religiosidade. A presença da missionária por si só já nos remetia ao sagrado com suas intervenções em alguns momentos, levando os presentes a entoarem canções e orações em favor da família enlutada.

3.2.1 Diferenças no ritual da despedida em casa e na igreja

Vivenciar o luto através de práticas ritualísticas mostra-se necessário em várias sociedades, como um meio de despedida e preparação para uma nova configuração social. O ritual do luto passa a ser “internalizado como um processo simbólico que possui em sua configuração um misto de sentimentos e inquietações individuais e grupais” (KOURY, 2014). Nesse caso, enquanto processo simbólico o luto será trabalhado em sua forma ritualística pelo Bond B, a partir de uma moral religiosa que, articulará as ações dos indivíduos durante e depois do velório.

³⁶ Jairo foi assassinado com três tiros na cabeça em maio de 2019. Seu corpo passou horas em frente a uma escola municipal, no horário em que várias crianças chegavam. Uma moradora o cobriu com um lençol branco que logo ficou encharcado pelo sangue. O corpo franzino não demonstrava a idade que tinha. Ao ver a mãe chegar e de modo desesperado atirar-se sobre o corpo, não suporte, retirando-me logo do local.

Nesse sentido a escolha do ambiente onde a morte é lamentada, será importante na composição do ritual, pois, os elementos presentes no espaço contribuirão na prática do lamento. Mesmos em espaços distintos tanto o público quanto o privado a mãe terá o lugar de protagonista no ritual. Como exposto anteriormente, haverá uma nova configuração em relação à mulher enlutada, antes vista como aquela que não desempenhou bem sua “função de mãe” visto que seu filho morreu como um bandido, agora ocupa o lugar de destaque, como a “mãe sofredora”. Em ambos os espaços foi verificado que, o caixão como ponto central é colocado de modo que as pessoas ao passarem na rua, poderão perceber tratar-se de um velório. Cabe frisar que a cadeira colocada próxima ao caixão é um elemento que, de modo similar terá importante significado, pois será o local de lamentação da mãe, promovendo comoção aos presentes.

Durante o ritual na igreja, a missionária talvez por estar em seus ambiente, costuma participar da tomada de decisões em relação a presença ou não de algumas pessoas. Ela pôs a sua casa que é interligada à igreja como um centro de apoio aos familiares presentes. Em alguns velórios não haviam o serviço funerário especializado, desse modo ela mesma se encarregava de administrar com o auxílio de algumas mulheres, a preparação de chás, café e água para os presentes.

Foi observado também que, na igreja, mesmo a família enlutada não sendo praticante da religião evangélica, a missionária proibia a presença das velas simbólicas que alguns serviços funerários disponibilizavam, visto que estas remetem à práticas católicas na celebração fúnebre. Uma vez que o ritual se dava na residência, a família assumia o protagonismo colocando os elementos que apresentavam possuir certos significados e valores.

A morte apresentou promover mecanismos de resistências através do ritual do luto. Nesse sentido a forma como ele é realizado proporcionou a oportunidade de trazer a visibilidade dos sujeitos. Dando voz aos que lutam para serem ouvidos, tanto a mãe enlutada quanto os parceiros que ficam, são nesse momento agentes utilizados como forma de provocar reflexão a cerca da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão apresentada neste trabalho buscou compreender a relação de jovens traficantes com a religião e como esta se torna norteadora de relações sociais, bem como produz novas configurações sociais. Ficou evidenciado que, outros atores sociais que fazem parte dessa sociabilidade violenta assumirão importantes papéis responsáveis na construção dessas configurações, bem como na subjetividade dos sujeitos investigados. Isso permite afirmar que, ao pesquisar sobre a vivência do jovem traficante, encontramos outras vozes importantes como, por exemplo, a mãe enlutada e mulheres que ocupam o papel de liderança em importantes espaços públicos.

O fenômeno religioso permanece relevante em várias sociedades, como exposto por Berger (2017), “o mundo continua tão religioso como outrora”. Não podemos enquanto cientistas sociais ignorar o lugar que a religião ainda ocupa no mundo e como possui significados e função. Berger nos lembra que, dentro do cristianismo o fenômeno pentecostal apesar de ignorado por alguns intelectuais e se tornou popular. No Brasil, como observamos é perceptível seu crescimento nas classes menos favorecidas.

Ao iniciar a pesquisa ainda na graduação fui desafiada várias vezes como pesquisadora e por exercer a fé cristã. Não compreendia como jovens traficantes poderiam se identificar como cristãos. Como cristã não achei que seria possível um distanciamento necessário do objeto de pesquisa a fim de realizar a análise dos dados coletados. É preciso ressaltar que, apesar ter como

familiar a religião cristã, me causou estranhamento a relação entre, o sagrado e o crime. De acordo com Velho (1978), nem sempre o familiar será conhecido.

Ao me debruçar na linha teórica proposta, compreendi como esta relação possui uma complexidade que demanda um estudo mais profundo que, infelizmente não foi possível apresentar devido um série de fatores, entre eles a pandemia do Corona vírus e por ter sido vítima da Covid-19 por duas vezes em um mesmo ano (2021). Foi exposta uma pequena contribuição introdutória a cerca da dinâmica social entre a religião e criminalidade.

O debate sobre juventude em situação de vulnerabilidade social atrelada a criminalidade tem sido rico na academia, inúmeras teóricos tem se debruçado nos estudos sobre esta temática, passando pela questão da desigualdade social, entre eles Feltran (2014) aponta para o perigo da criminalização da pobreza bem como a homogeneidade dada a categorias como, pobreza, classes populares e periferia, não levando em consideração as especificidades de cada uma:

Sem dúvida, as perspectivas teóricas, os locais de observação e métodos empregados em cada vertente analítica conduzem a parte das divergências em pauta, no mais das vezes muito saudáveis ao amadurecimento do debate. Entretanto, sugiro que uma das causas centrais desse desentendimento é a demasiada agregação analítica, que pressupõe homogeneidade empírica ainda que afirmemos o contrário, que categorias como “pobreza”, “periferia” ou “classes populares” carregam consigo. Essas palavras abrangem hoje, sem nos darmos conta, da vida de um catador de material reciclável à de um taxista; de uma travesti que faz programa na rua a um pedreiro com três carros na garagem; de meninas do interior trabalhando no Hooter’s para pagar faculdade na capital a um estudante secundarista cumprindo Liberdade Assistida; de uma ingressante por Ação Afirmativa em uma boa universidade pública a um morador de rua, ex-presidiário e usuário radical de crack; de um interno de Comunidade Terapêutica que busca livrar-se da cocaína a um operário têxtil vendedor ambulante nigeriano; de uma Agente Comunitária de Saúde evangélica a um pequeno empreendedor do ramo de automóveis, participante do Rotary Club; de um segurança privado “preto” de 60 anos, nordestino, a um presidiário “pardo” de 19, favelado; de um policial, um mecânico desempregado ou um dono de desmanches clandestinos (FELTRAN, 2014, p. 496).

Ao observar os jovens traficantes percebi que são jovens com responsabilidades de adultos, ao ingressarem no grupo, buscam inicialmente um trabalho remunerado, seja ele legal ou não. A manutenção financeira da família é o que alegam quando perguntados o motivo de traficarem. É um tipo de juventude, inserida em uma comunidade que possui suas especificidades, regras e valores estabelecidos. O debate que Feltran apresenta é de suma importância, chamando a atenção da atitude de governos em enquadrar recortes populacionais em certos quadros sociais com o objetivo de monetizar e assim tornando certas populações inseridas em planos governamentais que na realidade não visam a saída desses grupos da margem em que estão. A pobreza é uma moeda valiosa em certas ocasiões principalmente em anos

eleitorais.

Recordo-me de comentários no bairro em época de campanha nas eleições municipais e a tentativa de alguns candidatos em dialogar com a liderança do tráfico em busca de votos nas áreas mais vulneráveis da comunidade. A troca por votos seria por meio de, remédios, exames médicos e bebidas. Nesses momentos sujeitos socialmente invisíveis são necessários.

Nas áreas mais vulneráveis das cidades é justamente onde a igreja evangélica se estabelece principalmente as de vertente pentecostal. Com isso a aproximação da igreja com os traficantes produz relações fortalecidas por interesses. A igreja com a missão de “salvar” os traficantes, como analisa Teixeira (2011):

Bandidos" e "crentes" convivem diariamente nas favelas das grandes cidades brasileiras. Como já mostraram alguns autores (ALMEIDA; MONTERO, 1994; FERNANDES, 1998), o pentecostalismo cresce com maior velocidade entre as camadas mais empobrecidas da população. E as áreas mais pobres das grandes cidades são também as que mais sofrem com o problema da violência, seja devido à presença autoritária e violenta de quadrilhas de narcotraficantes (CANO, 1995) seja por conta da violência policial (CANO, 1997). Denominações como a Assembleia de Deus tendem a se destacar mais nesses contextos¹. Mafra (1998), por exemplo, ressalta que os pentecostais dão respostas de caráter espiritual ao problema da violência, de modo que não criam uma oposição direta em relação ao tráfico, ou melhor, não criam um movimento de afastamento dos "crentes" em relação aos "bandidos" mesmo que os primeiros vejam os segundos como parte do "exército do Demônio" (TEIXEIRA, 2011).

A denominação Assembléia de Deus atua na comunidade com a presença de várias igrejas espalhadas pelo bairro. A única que os jovens traficantes se identificam é a da missionária Fernanda. Ao longo da pesquisa sempre explicava aos jovens que estava realizando uma pesquisa sobre a conversão dos traficantes e como a fé pode vir a ser um instrumento de saída deles do tráfico, porém ao longo da investigação passei a verificar que a fé pode ser também um instrumento de permanência deste na sociabilidade violenta, pois não seria preciso necessariamente sair do tráfico para exercê-la.

A presença de familiares na igreja aproximam os jovens traficantes do sagrado, desse modo a fé passa a fazer parte dos sentidos, e poderá proporcionar ou não mudanças nos sujeitos. A mãe ou esposa passa a exercer o papel de mediadora entre o traficante e a igreja. Cabe ressaltar o importante espaço que a religião ocupa nos sentidos dos sujeitos pesquisados. Mães, filhos, companheiras e, vizinhanças estão interligadas através de uma linha invisível denominada religião. As expectativas relacionadas a uma vida melhor são moldadas por conceitos religiosos, até mesmo o crime, que ocupa o lugar social de prover capital para o sustento familiar poderá ser resignificado a partir de valores cristãos.

Ao perdoar a dívida de um integrante do Bonde que passa pelo processo de conversão, o líder admite que o fato do jovem ter “aceitado Jesus” contribuiu para o perdão, que antes teria como castigo a morte. Dessa forma foi possível observar como a religião pode promover mudanças nas vivências dos sujeitos.

Cabe frisar que, a conversão não seria a única forma de inserção no universo religioso. A igreja enquanto espaço de sociabilidade e lazer para os jovens traficantes, possibilita o acesso a uma nova configuração social, pois, vivendo a margem da comunidade, passam a exercer o papel de integrantes da sociedade e sujeitos ativos. Participando de atividades religiosas e interagindo com parte da vizinhança que frequenta a igreja.

A igreja assume o papel de unir o que o Estado segrega, no sentido de humanizar o sujeito que passa a fazer parte de grupos sociais que antes negavam a eles o direito de se perceberem enquanto sujeitos possuidores de consciência, e que buscam a integração social e encontram através da religião.

A relação entre mãe e filho foi identificada como uma relação conflituosa, em que a mãe exerce a responsabilidade de administrar e sustentar a família sozinha. Uma vez que, ela presencia a entrada do filho no comércio ilegal de drogas, reconhece que, precisa do dinheiro que ele consegue nesse tipo de trabalho, porém, ao mesmo tempo irá buscar na religião mecanismos que sejam capazes de tira-lo do crime. Nesse sentido a relação da mãe com a atividade criminosa do filho será de ambiguidade.

A morte de um filho de forma violenta também foi apresentada como, motivadora da mudança de percepção que a comunidade tem, em relação à mãe enlutada. Vários questionamentos nos trouxeram a investigar como o sujeito mãe de traficante é percebido no meio social em que vive. Observamos a mudança da representação que a vizinhança demonstrava ter, a partir da morte do filho. O luto apresentou ressignificar o que essa mãe representa. Desse modo ao perder o filho, ela ganha certo respeito, será percebida como a mãe que lutou para criar o filho e este como retorno do cuidado recebido, se tornou bandido.

As questões de gênero apontadas na pesquisa nos mostram que, o debate sobre a masculinidade exercida pelos jovens traficantes pode inicialmente adentrar por caminhos já seguidos por diversas teorias que pesquisam a construção social do masculino. Como também, a mulher pobre e, mãe solo que, está inserida no universo da fé a fim de “resgatar” o filho do crime, faz parte de um grupo de mulheres com especificidades próprias que necessita de futuramente profundidade teórica para uma melhor compreensão desta.

A discussão sobre a morte e como os jovens traficantes lidam com a perda de seus *parceiros*, trouxe a tona mais uma vez como a religião poderá trazer certo consolo existencial

em relação a essa morte prematura. O ritual fúnebre também nos mostrou a importância da despedida e como esse momento se torna também um ato político, no sentido de expressarem através de ações em grupo seus questionamentos em meio a uma sociedade que os trata como sujeitos descartáveis.

Cavalcanti (2020) discute a partir de Judith Butler questões sobre políticas identitárias. Adentrando no campo político, ela traz ao foco da discussão a construção das identidades muitas vezes tratadas como um termo único, em se tratando de uma categoria específica, ao mesmo tempo em que a heterogeneidade pode indicar uma relação de poder em si mesma, possibilitando a criação de mecanismos de controles. Em se tratando da juventude periférica inserida no tráfico de drogas, esta possui suas especificidades, detentoras de uma cultura própria, representada através de modos de vestir, dançar, bem como a produção de músicas que expressam suas vivências. Embora ao apreendermos a identidade desta, corremos o risco de enquadrá-la e com isso estabelecermos uma relação de poder:

Adentrando, então, a esfera do reconhecimento do sujeito, Butler (2018) chama atenção para a questão do enquadramento dentro do qual o sujeito é constituído, entendendo que as molduras que constituem a forma como apreendemos (ou não apreendemos) as vidas de outros como passíveis de luto, perdidas ou lesadas estão politicamente saturadas e são operações de poder em si mesmas (BUTLER, 2018, p. 14). Assim, a percepção da condição precária da vida humana se dá dentro de operações de apreensão, inteligibilidade, reconhecimento e enquadramento (CAVALCANTI, 2020, p. 17).

Durante os velórios, foi possível observar tipos de enquadramentos que objetivam a constituição do ser em “sujeitos não reconhecíveis”. No entanto também foi possível observar que esses sujeitos subvertem a norma instituída e lutam por seu espaço, e reconhecimento enquanto autores de suas identidades, que mesmo na perda buscam seu espaço.

Convém ressaltar que, a sociabilidade violenta infelizmente é produtora de um campo vasto de pesquisa. No sentido de que, ao longo de cinco anos presenciei várias famílias enlutadas, e com isso a dor estampada na face da mãe ao perder o filho para uma violência que ao se apresentar como forma de sobrevivência, também mata.

As mediações construídas dentro de um ambiente violento mostraram-se como um importante meio de sobrevivência. As relações de vizinhança entrelaçadas por valores religiosos demonstram como o sistema religioso permanece relevante em algumas sociedades e como poderá fazer parte de um entrelaçamento com uma categoria antagônica como o crime.

Os jovens traficantes nos mostram que, muitas vezes a falta de investimento em políticas públicas faz do governo um produtor da pobreza, em que jovens muitas vezes irão buscar no

tráfico além de meios de subsistência, uma identidade, ou representações nas quais se identificarão.

O debate é complexo e reconhecemos o modo introdutório como o tema foi abordado. No entanto, sua relevância social nos move a uma continuação de modo mais profundo. Buscando ainda mais arcabouço teórico e empírico, visando contribuir para o debate de forma mais profícua.

REREFÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 19-47, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86698>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ARAÚJO, Fábio Alves. **Do Luto à Luta: A Experiência das Mães de Acari**. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BERNARDO, Teresinha. O candomblé e o poder feminino. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 1-21, 2005.

BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 6, n. 7, p. 201-226, 1996.

BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia. O que aconteceu com o chamado maior país católico do mundo? *In: BETHELL, Leslie. (org.). Brasil, fardo do passado, promessa do futuro: dez ensaios sobre política e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 323-348.

BIRMAN, Patricia; LEITE, Márcia. **Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

CAVALCANTI, Maria Joaquina da Silva. O esgotamento das políticas identitárias nas lutas sociais: uma leitura a partir de Judith Butler. *In: GREGORI, Juciane de; MELO, Mariana; OLIVEIRA, Helma; TAVARES, Emylli; ZAMBONI, Marcela (org.). Sexualidade e gênero: controle e subversão*. João Pessoa: EdUFPB, 2020.

CORRÊA, Diego Silva. **Anjos de fuzil**: uma etnografia sobre as relações entre igreja e tráfico. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CÔRTEZ, Mariana. **O Bandido que virou Pregador**: A conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CUNHA, Christina V. **Oração de Traficante**: Uma etnografia. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

DIAS, Júlio César Tavares. O movimento Pentecostal: algumas notas após os seus cem anos. **Politeia**: História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 77-94, maio 2018.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro, O campo religioso em Belém do Pará: Reflexões sobre o evento fundador da Igreja Assembléia de Deus no Brasil. **MEME**: Revista de Humanidades, Caicó, v. 11, n. 29, p. 405-420, 2011.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 14, n. 13, p. 149-153, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, set./dez. 2014.

GRILLO, Carolina Christoph. **Coisas da vida no crime**: tráfico e roubo em favelas cariocas. 2013. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.neip.info/upd_blob/0001/1540.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Etnografias urbanas sobre pertença e medos da cidade**. João Pessoa: GREM, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 593-612, set./dez. 2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção**: O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEITE, Márcia Pereira. Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. (org.). **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 115-143.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. **O diálogo dos surdos**: igrejas evangélicas e as ciências sociais. Natal: EdUFRN, 2014.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia a urbana.

MALINOVSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**, São Paulo: Abril Editora, 1978.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EdUSP, 2003.

MIRANDA, Gabriel; PAIVA, Ilana. **Juventude, Crime e Polícia**: vida e morte na periferia urbana. Curitiba: CRV, 2019.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 79, p. 15-38, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em: 10 fev. 2019.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 701-730, jul. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7239>. Acesso em: 14 fev. 2019.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

SANCHIS, Pierre. Religiões no mundo contemporâneo: convivência e conflitos. **Ilha**: Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 7-23, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15114>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/script=sci_arttex. Acesso em: 12 fev. 2019.

SILVA, Luiz Eduardo Lopes. "**Trilha sonora da guerra**": análise das facções maranhenses e da formação da sensibilidade da juventude, faccionada a partir do proibidão. 2020. 743 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

SILVA, Luiz Eduardo Lopes. "Desentoca o arsenal!": a estrutura de sentimento na guerra de facções, analisada a partir do proibidão. **Leitura**: Teoria & Prática, Campinas, v. 37, n. 77, p. 93-110, 2019. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/809>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SOARES, Luiz E. **Desmilitarizar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

SOUZA, Robson Sávio Reis. Religião e criminalidade: da cultura da morte à cultura da paz e do perdão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 97-120, jan. 2005. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/550>. Acesso em: 5 fev. 2018.

TEIXEIRA, César Pinheiro. **A construção social do ex-bandido**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011b. 184p.

TEIXEIRA, César Pinheiro. De “Corações de Pedra” a “Corações de Carne”: Algumas Considerações sobre a Conversão de “Bandidos” a Igrejas Evangélicas Pentecostais. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 449-478, 2011a.

TURNER, Victor. O processo ritual. In: TURNER, Victor. **Liminaridade e Communitas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1987.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 37, p. 79-116, 2011.

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral, agência social e criatividade. In:

WERNECK, Alexandre; OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. (org.). **Pensando bem**: Estudos de Sociologia e Antropologia da Moral. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p. 25-48.

ZALUAR, Alba; RIBEIRO, Ana Paula Alves. Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, n. 84, p. 175-196, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid>. Acesso em: 15 nov. 2018.